

# **Aprender a ser: um estudo em duas escolas portuguesas**

**Dissertação de Mestrado em  
Ciências da Educação**

**Março 2015**

# **Aprender a ser: um estudo em duas escolas portuguesas**

**Dissertação de Mestrado em  
Ciências da Educação**

**Março 2015**

## DECLARAÇÃO

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

---

Lisboa, .... de ..... de .....

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

---

Lisboa, ..... de ..... de .....

O arquivo no Repositório Institucional da UNL é de carácter obrigatório e contempla o texto integral

Nome: \_\_\_\_\_

Correio electrónico: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_

Bilhete de Identidade / Passaporte: \_\_\_\_\_

Título da Dissertação: \_\_\_\_\_

Orientador (es): \_\_\_\_\_

Ano de Conclusão: \_\_\_\_\_

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

Sem prejuízo dos direitos de autor relativos à minha dissertação e o direito de a usar em trabalhos futuros (como artigos ou livros), declaro que:

- ☐ Entrego a dissertação, que corresponde à aprovada pelo júri, constituído pela Unidade Orgânica da Universidade Nova de Lisboa onde realizei os estudos.
- ☐ Concedo à Universidade Nova de Lisboa e aos seus agentes, através do seu repositório institucional, uma licença não - exclusiva para arquivar e tornar acessível, nas condições abaixo indicadas, a minha dissertação em suporte digital.
- ☐ Autorizo a Universidade Nova de Lisboa a digitalizar o exemplar da minha dissertação, que remeto em anexo, ou o exemplar que possui nas suas bibliotecas.
- ☐ Autorizo a Universidade Nova de Lisboa a arquivar sem alterar o seu conteúdo mais de uma cópia da dissertação e a efectuar a sua conversão para qualquer formato de ficheiro, meio ou suporte, para efeitos de preservação e acesso.

Mais declaro que a minha dissertação poderá ser **disponibilizada** no Repositório Institucional da Universidade Nova de Lisboa na seguinte modalidade:

- ☐ Disponibilização **imediata** do conjunto do trabalho para acesso mundial

Disponibilização com **acesso restrito**:

- ☐ a. Disponibilização parcial do trabalho (resumo) com o seguinte período de embargo:

1 ano - ☐ 2 anos - ☐ 3 anos - ☐

sendo que, após o tempo assinalado, autorizo o acesso mundial.

- ☐ b. Disponibilização imediata do conjunto do trabalho para acesso exclusivo na UNL

1 ano - ☐ 2 anos - ☐ 3 anos - ☐

sendo que, após o tempo assinalado, autorizo o acesso mundial.

Data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção  
do grau de Mestre em Ciências da Educação realizada sob a orientação científica de  
Professor Doutor Luís Manuel Bernardo

## **AGRADECIMENTOS**

À Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, nomeadamente aos professores e alunos do Mestrado em Ciências da Educação, pelo acompanhamento e instrumentos fornecidos durante os encontros que nos juntaram ao longo do ano letivo 2013-2014.

Ao Professor Doutor Luís Manuel Bernardo pela simpatia e eficácia com que orientou este trabalho.

Às duas escolas participantes no estudo, nas pessoas dos seus Diretores e professores, pela forma como se disponibilizaram a falar connosco e pelas informações que partilharam abertamente connosco.

Às várias pessoas que mostraram, ao longo dos últimos meses, verdadeiro apoio, inspiração, motivação e confiança.

À minha família e amigos. À minha Inês.

A Deus, que ao longo do meu caminho, nunca se deixou de manifestar!

## APRENDER A SER: UM ESTUDO EM DUAS ESCOLAS PORTUGUESAS

PEDRO MARIA SOUSA DE MACEDO ROCHA E MELO

### RESUMO

*Aprender a ser* constitui um dos pilares da educação no século XXI como recomendado nos relatórios de Faure (1972) e de Delors (1996) para a UNESCO. Partilhando o conceito de *aprendizagem ao longo da vida*, ambos os relatórios salientam a importância dos indivíduos crescerem no conhecimento e domínio de si. Aprender a ser Homem, a ser si próprio e, finalmente, a ser feliz são as metas deste pilar na vida de cada indivíduo.

Numa abordagem filosófica ao tema, desdobrámos a aprendizagem do ser num conjunto de dimensões que a escola deve promover no dia-a-dia escolar para proporcionar aos seus alunos a aprendizagem de ser Homem e ser si próprios. Complementámos a leitura dos dois relatórios com outros autores contemporâneos, como Fernando Savater e Roberto Carneiro, para ficarmos com as seguintes nove dimensões: *Carisma natural; Memória; Tomada de decisão; Comunicação; Imaginação e criatividade; Equilíbrio físico-espiritual; Sentido estético; Relação com o meio-ambiente; e Valores e moral.*

Interessa-nos perceber qual o conhecimento que as escolas portuguesas têm sobre a aprendizagem do ser e as práticas que desenvolvem nesse sentido e, por isso, decidimos fazer um estudo prospetivo através da análise de duas escolas da cidade de Lisboa, uma pública e uma privada. O caso de estudo das duas escolas permitiu-nos indicar alguns possíveis caminhos para a compreensão do grau de sensibilização e preparação das escolas portuguesas para oferecerem aos seus alunos boas oportunidades de desenvolvimento enquanto Homens e seres únicos e originais. Entre outras descobertas, entendemos haver três eixos especialmente importantes na promoção da aprendizagem do ser: formação de professores; atividades e projetos escolares; e as estruturas escolares de apoio ao aluno.

Com base nos resultados que obtivemos, cremos haver motivos para pensar que existe um conhecimento razoável sobre o que é a aprendizagem do ser e a sua importância. Parece-nos, ainda, que poderá haver uma ligeira superiorização do ensino privado, face ao público, na sua capacidade de proporcionar esta aprendizagem junto dos seus alunos.

### ABSTRACT

Learning to be is one of the pillars of education for the XXI century as recommended by Faure's (1972) and Delors' (1996) reports for UNESCO. Having in common the concept of *learning throughout life*, both reports highlight the importance of individual knowledge and control of the self. Learning to be a Man, learning to be oneself and finally learning to be happy are the goals of this pillar in each individual's life.

Our philosophical approach suggests a group of dimensions for schools to promote in their daily routines with the aim of encouraging their students on the learning to be a

Man and to be themselves. After complementing our reading with some contemporary authors, as Fernando Savater and Roberto Carneiro, we reached the following nine dimensions: *Natural charisma; Memory; Decision-making; Communication; Imagination and creativity; Physical-spiritual equilibrium; Aesthetic sense; Environmental sense; and Values and moral.*

We are committed in understanding the Portuguese schools' acknowledgement of this learning and the practices that are developed for that matter, and so we have decided to conduct a prospective study on two schools from Lisbon, a public and a private one. The case study we developed enabled us to draw a possible path to better understand the extent to which Portuguese schools are aware and prepared to offer their students good chances of developing as Men and original individuals. Among many findings we understood that there were three relevant means of promoting this learning: teachers training; curricular and extracurricular school projects and activities; and school guidance and support departments.

Based in our results we believe there are enough reasons to think that there is a reasonable sensibility of this education pillar and its importance. Furthermore, it seems to us that private schools may overcome public ones on the ability to offer this experience to their students.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Jacques Delors, Edgar Faure, aprender a ser, aprendizagem ao longo da vida, quatro pilares da educação no século*

**KEYWORDS:** *Jacques Delors, Edgar Faure, Learning to be, Learning throughout life, four pillars for education in the XXI century*



# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b>	<b>12</b>
<b>APRENDER A SER – INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>APRENDER A SER: EDGAR FAURE (1972)</b>	<b>13</b>
INTRODUÇÃO	13
APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA	14
LEARNING SOCIETY – METAS A ALCANÇAR	14
<b>APRENDER A SER: COMISSÃO DELORS (1996)</b>	<b>17</b>
APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA	17
OS 4 PILARES DA APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA	17
APRENDER A SER: O QUE É?	18
<b>APRENDER A SER – HOMEM</b>	<b>20</b>
SER HOMEM POR DENTRO E POR FORA	20
SER HOMEM RACIONAL	22
SER HOMEM LIVRE	23
SER HOMEM JUNTO DOS OUTROS HOMENS	25
SER HOMEM NO TEMPO	27
SER HOMEM COM UM SENTIDO	29
CONCLUSÃO	29
<b>APRENDER A SER SI PRÓPRIO</b>	<b>30</b>
<b>APRENDER A SER FELIZ</b>	<b>30</b>
<b>AS DIMENSÕES DA APRENDIZAGEM DO SER</b>	<b>31</b>
CARISMA NATURAL	31
MEMÓRIA	32
TOMADA DE DECISÃO	32
IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE	33
COMUNICAÇÃO	33
SENTIDO ESTÉTICO	34
EQUILÍBRIO FÍSICO-ESPIRITUAL	34
RELAÇÃO COM MEIO-AMBIENTE	35
VALORES E MORAL	36
<b>SÍNTESE FINAL</b>	<b>36</b>

<b>ESTUDO</b>	<b>38</b>
<b>PROBLEMA</b>	<b>38</b>
<b>HIPÓTESES</b>	<b>38</b>
<b>METODOLOGIA</b>	<b>38</b>
RECOLHA DE INFORMAÇÃO	38
PARTICIPANTES	39
CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS	40
<b>ANÁLISE DE RESULTADOS</b>	<b>40</b>
ANÁLISE DA LEI DE BASES DO SISTEMA EDUCATIVO	40
ANÁLISE DE DOCUMENTOS DAS ESCOLAS	43
ENTREVISTAS NAS ESCOLAS	50
<b>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>61</b>
H1: SENSIBILIZAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM DO SER	61
H2: PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM DO PILAR APRENDER A SER	61
H3: ESCOLA A VS ESCOLA B	64
GENERALIZAÇÃO DOS RESULTADOS – POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES	65
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>67</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

*Pois, que adiantará ao homem  
ganhar o mundo inteiro  
e perder a sua alma?*  
Mt. 16, 26

A frase do Evangelho de São Mateus lança-nos neste trabalho com uma questão que não diz respeito apenas aos Cristãos mas a todos os Homens. Tendo os últimos séculos sido caracterizados pelo progresso das sociedades em tantos aspectos – entre outros, industrial, científico, tecnológico – permitindo o crescente conhecimento e domínio do mundo, o Homem deve assegurar, com o mesmo espírito determinado e conquistador, um aprofundamento do seu mundo interior, capacitando-se com armas e instrumentos que o ajudem a dominar-se a si mesmo e a ser livre para perseguir aquilo que verdadeiramente o realizará e à comunidade em que se insere.

Conscientes da importância e necessidade da descoberta do próprio mundo interior, pretendemos neste trabalho mergulhar na *Aprendizagem do ser*, como proposta nos relatórios de Faure (1972) e Delors (1996), procurando defini-la e entendê-la no ambiente de escola.

Servir-nos-emos de autores contemporâneos para realizar uma abordagem filosófica a esta dimensão da aprendizagem ao longo da vida, como proposta em Delors (1996), e sugerir as dimensões que esta deve trabalhar. As suas metas tornam-se claras à medida que avançamos na leitura dos vários autores: o indivíduo que quer ser feliz e pleno e que, para isso, deve ser cada vez mais Homem e mais si próprio. Desde aqui, concretizamos algumas ferramentas para que o indivíduo possa ser sucedido na sua aprendizagem do ser.

Gostaríamos de estudar o entendimento que as escolas portuguesas têm sobre este tema e de que forma interpretam o seu papel no acompanhamento dos seus alunos neste processo. Assim, com um fim meramente prospetivo, visitámos uma escola pública e uma escola privada da cidade de Lisboa para avaliar o seu conhecimento e práticas relativamente à aprendizagem do ser e registar algumas pistas que possam servir para esta análise numa escala superior.

## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### APRENDER A SER – INTRODUÇÃO

A investigação que originou este trabalho centra-se na dimensão pessoal e interior da educação, expressa no pilar *Aprender a ser* do relatório Delors (1996) que, já antes, havia sido título da reflexão de Edgar Faure (1972), também um trabalho encomendado pela UNESCO. Ao estudarmos estas e outras reflexões sobre o tema, procurámos responder à seguinte questão: Aprender a ser o quê?

Meditando na pergunta lançada no início deste capítulo, pensámos antecipadamente em três grandes metas da aprendizagem do ser. Aprender a ser Homem, reconhecendo a universalidade da Humanidade e encontrando os traços comuns que unem todos os povos e indivíduos apesar da sua dispersão e divergências históricas. Esta meta pretende detectar as características que inserem todos os homens e mulheres numa mesma família e ajudar cada indivíduo a reconhecê-las em si e nos outros. Outra meta será aprender a ser si próprio, assumindo a originalidade e unicidade de cada indivíduo. Neste caso, procura-se ajudar cada um a descobrir-se integralmente e a utilizar, no seu caminho e no da comunidade, as potencialidades e talentos que tem dentro de si. Finalmente, aprender a ser feliz, a grande busca do Homem, formulada em tantos documentos históricos e que continua a tomar parte na vida das sociedades contemporâneas. É a luta de uma vida marcada pelas descobertas pessoais e outras comunitárias, e a capacidade e vontade para travar essa batalha devem ser estimuladas, com seriedade e honestidade, desde o início, em todos os indivíduos.

Partindo das três metas da aprendizagem do ser, prosseguimos a nossa reflexão consultando os relatórios Delors (1996) e Faure (1972), cruzando-os com o trabalho de outros autores contemporâneos, nomeadamente Roberto Carneiro, que integrou a Comissão Delors, e Fernando Savater, filósofo espanhol que tem dedicado grande parte da sua obra à área da educação.

## APRENDER A SER: EDGAR FAURE (1972)

### INTRODUÇÃO

O trabalho realizado pelo político francês como uma reflexão sobre a educação recebeu o nome *Aprender a ser*, traduzindo o seu olhar total para o fenómeno que, ao serviço da UNESCO, estudou com grande profundidade.

Na sua reflexão, Faure dramatiza o problema da educação nas últimas décadas do século XX desta forma: “How to obtain quantitative expansion in education, make education democratic, diversify the structures of education systems and modernize content and methods?” (Faure, 1972, p. 22). Quando conclui o primeiro grande capítulo dedicado aos *Findings*, entendemos a linha que conduzirá as propostas que fará nos capítulos seguintes: “Since education by itself is incapable of remedying the evils of society, it should strive to increase people’s capacity to control their own destiny. It should endeavour, through helping every individual to develop his personal faculties, to free the creative powers of the masses by realizing the potential energies of hundreds of millions of people” (Faure, 1972, p. 82). A partir desta ideia, Faure desenvolve uma série de propostas relevantes.

Numa crítica dirigida ao currículo escolar, como reflexo das prioridades educativas, Faure aponta o dedo à crescente opção, quase exclusiva, pelas ciências exatas e naturais. Como consequência disso, refere que “most education systems do not help their clients – whether they be youngsters or adults – to discover themselves, to understand the components of their conscious and unconscious personalities, the mechanisms of the brain, the operation of intelligence, the laws governing their physical development, the meaning of their dreams and aspirations, the nature of their relations with one another and with the community at large. Education thus neglect its basic duty of teaching men the art of living, loving and working in a society which they must create as an embodiment of their ideal” (Faure, 1972, p. 66). Entendemos a sua preocupação pela aprendizagem do ser e a relevância desta no percurso individual e das sociedades: “It first concerns the education of children and, while helping the child to live his own life as he deserves to do, its essential mission is to prepare the future adult for various forms of autonomy and self-learning” (Faure, 1972, p. 143).

No entanto, o currículo escolar deve ainda criar lugar para outro tipo de aprendizagens que são essenciais para que a escola possa completar a sua missão. Com

grande destaque, salienta a importância da compreensão e domínio da tecnologia (Faure, 1972, p. 66). Menciona, também, a educação artística lembrando que, do ponto de vista pedagógico, o que mais importa não é o resultado final mas “the awakening of creative enthusiasm which helps lift man to a higher level of existence” (Faure, 1972, p. 67). Faure crê que a escola ainda não ajuda suficientemente o indivíduo a encontrar a sua vocação ou, por outro lado, a adaptar-se à mudança e ao desconhecido, o que é problemático dado que as profissões aparecem e desaparecem a uma velocidade crescente e, por sua vez, são cada vez mais específicas (ibidem). Ainda sobre o currículo, Faure propõe que o treino manual, usualmente pouco considerado a não ser para os “academically less endowed”, precisa ser redescoberto e que a educação física precisa de melhor provar “the value of the competitive spirit and the relation between physical exercise and character-building”, e lembra que “essentially people should learn to adapt fully to their bodies, the basic foundation of personality” (Faure, 1972, p. 68).

#### *APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA*

As descobertas que Faure faz ao longo do seu estudo não deixam muitas dúvidas sobre o futuro que concebe para o futuro do processo educativo – a educação ao longo da vida que cobre todo o processo educativo. Explica que “education from now on can no longer be defined in relation to a fixed content which has to be assimilated, but must be conceived of as a process in the human being, who thereby learns to express himself, to communicate and to question the world, through his various experiences, and increasingly – all the time – to fulfil himself. (Faure, 1972, p. 143). Será o futuro da educação, então, para Edgar Faure, a permissão concedida a todos os homens de se educarem ao longo de toda a sua vida, de forma adequada em todas as etapas, e sempre numa ótica de crescente autonomia, para que se possam realizar na sua vocação e no seio da sua comunidade.

#### *LEARNING SOCIETY – METAS A ALCANÇAR*

Para melhor entender este conceito desenvolvido por Faure começamos por recordar o velho ditado Nigeriano: “It takes a whole village to raise a child<sup>1</sup>”. A sociedade moderna, repleta de informação e acontecimentos pessoais e mundiais, inunda a vida de

---

<sup>1</sup> Igbo and Yoruba (Nigeria) Proverb

cada indivíduo de oportunidades de aprendizagem que podem ou não representar momentos de verdadeiro crescimento. Por isso, pensar em educação ao longo da vida deve levar-nos a refletir na necessidade de preparar o indivíduo para tomar o máximo partido das oportunidades de crescimento e desenvolvimento que a vida oferece. É nesse sentido que Faure se debruça sobre o conceito de *learning society*, onde inclui a escola, e sugere algumas pistas sobre como concretizar esta missão.

É neste capítulo que Faure apresenta o lema “A new man for a new world!” (Faure, 1972, p. 153) que diz respeito à conquista do “*complete man*” (ibidem). Reconhece, o autor, que o Homem contemporâneo tem um conhecimento e meios de ação que o fazem pensar que as coisas que pode fazer são infinitas (Faure, 1972, p. 154) e, mais do que nunca, tem consciência dos seus poderes e da sua autoconsciência, levando-o a procurar-se pelo seu interior e a encontrar nos seus processos inconscientes uma justificação para os comportamentos irracionais próprios e dos outros (ibidem). “If there are permanent traits in the human psyche, perhaps the most prominent are man’s rejection of agonizing contradictions, his intolerance of excessive tension, the individual’s striving for intellectual consistency, his search for happiness identified not with the mechanical satisfaction of appetite but with the concrete realization of his potentialities and with his idea of himself as one reconciled to his fate – that of the complete man” (ibidem). Alertando para a inalcançabilidade desta realização do Homem em muitas das sociedades modernas onde reina a discórdia e a tensão, Faure recomenda as dimensões que pensa corresponderem ao Homem completo: as capacidades de imaginar, de avaliar experiências, de se exprimir e ouvir, de duvidar e questionar; a vontade e disponibilidade para fazer crescer a própria personalidade e pôr ao serviço próprio e dos que o rodeiam; o relacionar-se afetivamente com outros e ser capaz de comunicar e colaborar num projeto comum; o interesse pela beleza e a habilidade para a discernir e integrar na própria personalidade; a renovada apreciação do corpo e domínio dos seus poderes e qualidades; o controlo dos sentidos e o cultivo de hábitos a todos os níveis saudáveis; a autoconfiança (Faure, 1972, pp. 155 e 156). Mais à frente, voltaremos, com maior profundidade, a estas ideias de Faure na proposta final das dimensões da aprendizagem do ser.

Edgar Faure conclui o presente capítulo com três últimos alertas igualmente relevantes para a aprendizagem do ser. Em primeiro lugar, a educação não se pode limitar a considerar a ideia abstrata de Homem intemporal, que aqui trabalhamos, mas

sempre recordar que em cada ser há um Homem concreto, uma vida concreta (Faure, 1972, p. 156). No segundo alerta, recorda que a ciência de hoje mostrou-nos que o Homem é biologicamente inacabado, o que nos ajuda a compreender com mais facilidade que “a sua existência é um inacabado processo de completação e aprendizagem” (Faure, 1972, p. 157). Finalmente, Faure reforça o convite já feito da preocupação pela individualização do Homem, tão necessária ao seu desenvolvimento e crescimento (ibidem). Também a estas ideias voltaremos mais à frente.

Uma última nota sobre o relatório *Aprender a ser* (1972) de Edgar Faure para referir que nas últimas páginas partilha uma lista de 21 princípios de inovação para os sistemas de ensino do século XXI que têm por objetivo garantir a concretização das reflexões anteriormente feitas. Sendo impossível debruçarmo-nos sobre todos, fazemos uma breve alusão aos princípios que reforçam as ideias de Faure que já partilhámos. No oitavo princípio, o político francês defende que “educational action to prepare for work and active life should aim less at training young people to practice a given trade or profession than at equipping them to adapt themselves to a variety of jobs, at developing their capacities continuously, in order to keep pace with developing production methods and working conditions” (Faure, 1972, p. 196). No décimo-quarto princípio, o francês retorna à ideia fundamental da autonomia do indivíduo ao referir-se a ele como “*master and creator of his own cultural progress*” (Faure, 1972, p. 209) e ao reforçar o papel decisivo do *self-learning* no sistema educativo do século XXI. Por último, no décimo-nono ponto da sua lista de princípios, Faure reafirma a ideia de que a educação é, cada vez mais, uma tarefa que exige o empenhamento de toda a sociedade e defende que mais e mais instituições e pessoas tomem parte no seu processo.

Terminamos os comentários ao relatório *Aprender a ser* de Edgar Faure (1972), retirando vários apontamentos que nos serão úteis no decorrer deste estudo. Partimos para o relatório Delors (1996) com o título *Educação: um tesouro por descobrir*, e que regressa ao tema da aprendizagem do ser. Procuraremos, de seguida, entender que novidades traz este relatório que complementem as reflexões de Faure.



## APRENDER A SER: COMISSÃO DELORS (1996)

### APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA

Desafiados a fazer uma nova reflexão sobre a educação no século XXI, a comissão presidida por Jacques Delors e que reuniu diversos representantes de diferentes partes do mundo tomou como conceito base do seu trabalho a aprendizagem ao longo da vida, defendendo ser essa uma exigência das sociedades modernas, caracterizadas por várias tensões que no início do documento enunciam – *o global vs o local; o universal vs o singular; a tradição vs a modernidade; o longo-prazo vs o curto-prazo; a competição vs a igualdade de oportunidades; o desenvolvimento dos conhecimentos vs a capacidade de assimilação do homem; e o material vs o espiritual* (Delors et. Al, 1996, pgs. 8 e 9). Explicam que a aprendizagem ao longo da vida “deve ser uma construção contínua da pessoa, do seu saber e das suas aptidões, assim como da sua capacidade para julgar e agir” (Delors et. Al, 1996, p. 12) e que se deve concretizar no seio de uma sociedade educativa (*learning society*), que reconhece a riqueza das suas aprendizagens e que oferece diariamente possibilidades de crescimento e desenvolvimento. Para que possa usufruir de todas essas aprendizagens, “o indivíduo deve dispor de todos os elementos de uma educação básica de qualidade” e “é desejável que a escola venha a incrementar, cada vez mais, o gosto e prazer de aprender, a capacidade de aprender a aprender, além da curiosidade intelectual.” (Delors et. Al, 1996, p. 12).

Se é verdade que as universidades e os centros de investigação são já lugares privilegiados de conhecimento e formação, e várias instituições públicas e privadas permitem que indivíduos adultos continuem a sua formação em idade avançada, existe ainda a necessidade de tornar estas oportunidades acessíveis a todos e de não limitar a sua intervenção às esferas técnicas e profissionais mas a todas as dimensões da vida dos indivíduos. É neste sentido que passamos a analisar os pilares sugeridos pela Comissão Delors como fundamento da aprendizagem ao longo da vida, onde encontraremos as suas recomendações sobre o tema que nos tem orientado neste trabalho.

### OS 4 PILARES DA APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA

A aprendizagem do Homem ao longo da vida deve assentar, segundo a Comissão Delors, em 4 pilares fundamentais: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a

conviver e aprender a ser (Delors et al., 1996, p. 31). Estando nós verdadeiramente interessados no Aprender a ser, fazemos, ainda assim, uma breve alusão aos quatro pois não se poderá compreender um sem a mínima referência aos outros.

Segundo o relatório, *aprender a conhecer* significa conciliar uma ampla cultura geral com o profundo conhecimento num reduzido número de assuntos, de forma a poder “beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo da vida” (ibidem). *Aprender a fazer* diz não só respeito à aquisição de determinadas competências profissionais mas, simultaneamente, “a competência que torna a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipa” (ibidem). O terceiro pilar apelidado de *aprender a conviver* foca-se no desenvolvimento da “compreensão do outro e a percepção das interdependências” e no “respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz” (ibidem). Finalmente, o pilar *aprender a ser* “para desenvolver, o melhor possível, a personalidade e estar em condições de agir com uma capacidade cada vez maior de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal”, levando “em consideração todas as potencialidades de cada indivíduo” (ibidem). Estamos em crer que estes quatro pilares não são independentes entre si. O aprofundamento de cada um destes pilares traz resultados que extravasam o seu domínio, permitindo novos desenvolvimentos nas áreas dos restantes pilares. Assim é o ser humano e o seu crescimento.

Sugerem, então, os autores que “no momento em que os sistemas educacionais formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento das outras formas de aprendizagem, é mister conceber a educação como um todo.” (Delors et al., 1996, p. 31). É com esta preocupação que nos debruçamos, de ora em diante, sobre a aprendizagem do ser, sobre a dimensão da educação que se ocupa da descoberta pessoal realizada por cada indivíduo que olha dentro de si e se entende como Homem tão distinto e tão igual aos restantes Homens. O conhecimento de si, o domínio de si e de todas as potencialidades próprias será, por sua vez, preponderante nas restantes dimensões do desenvolvimento de cada indivíduo.

#### *APRENDER A SER: O QUE É?*

A Comissão Delors associa este pilar com a autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal, como acima citámos, e sugere algumas dimensões que servem

de orientação para o caminho a percorrer para quem quer, neste aspecto, crescer. “Memória, raciocínio, imaginação, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se com os outros, carisma natural” (Delors et al., 1996, p. 14) são as propostas que, a título de exemplo, aparecem no documento. No entanto, nas restantes páginas do relatório, o leitor não encontra qualquer outro desenvolvimento sobre o que entende a Comissão sobre estas dimensões que mencionou. Cruzando a informação reunida nos dois relatórios com outros autores contemporâneos, como Fernando Savater, filósofo catedrático espanhol que muito tem problematizado vários temas relativos à educação e o português Roberto Carneiro, colaborador de Jacques Delors neste último relatório, faremos uma abordagem ao que se pode entender pela aprendizagem do ser e respetivas dimensões humanas.

A escolha por estes dois últimos autores explica-se da seguinte forma: Fernando Savater é contemporâneo de ambos os relatórios analisados e é um autor e filósofo com grande preocupação pela educação e pelo desenvolvimento integral do Homem, aos quais dedicou algumas das suas principais obras; Roberto Carneiro pertenceu à Comissão Delors (foi o comissário com maior número de presenças ao longo dos vários encontros<sup>2</sup>) e nos anos que passaram desde a data até hoje publicou um número sem fim de artigos e trabalhos relacionados com o relatório. O complemento das obras analisadas com os textos dos autores referidos seguirá o seguinte raciocínio que iremos aprofundar: aprender a ser feliz será a meta principal do indivíduo que só a alcançará caso aprenda a ser verdadeiramente Homem e si próprio.

Num apontamento final, recorreremos ao filósofo Octavi Fullat para justificar esta necessidade do Homem de constantemente se educar. O autor distingue os conceitos de *educabilidad* e *educandidad* – o primeiro refere-se à possibilidade de educação, o segundo representa a necessidade de educação (Fullat, 2008, p. 75). Enquanto muitos animais são educáveis, a educandidade será apenas realidade no Homem, distinguindo-o dos restantes animais. Como explica Fullat, o Homem “no es animal educabile - que puede o no ser educado - , sino animal educandum - que tiene que ser forzosamente educado sob pena de quedar en simple bestia. La educación, tratándose de la especie humana, es una necesidad, un menester, una exigencia. Al delfin podemos, o no, educarle; al hombre hay que estar educándole sempre” (ibidem). Dada essa necessidade

---

<sup>2</sup> Dado recolhido num breve encontro em 29 de Dezembro de 2014 com Roberto Carneiro com o motivo de lhe dar conta do trabalho que estávamos a desenvolver.

de educar o Homem, diz o mesmo autor que “educar es engendrar al humano” (ibidem), apelidando de cultura àquilo que o Homem acrescenta ao Homem. Fernando Savater, reconhece como Fullat que o Homem é, entre todos os animais, o que nasce mais incompleto e concorda com a premência da sua educação. Numa palavra – *neotenia* – descreve essa “plasticidade ou disponibilidade juvenil” para seguir os exemplos e referências, para copiar comportamentos, gestos, atitudes. Para Savater, neste processo o indivíduo aprende com os seus semelhantes “as significações”, sugerindo que não se trata apenas de repetir ações mas, mais importante, entender o seu significado e utilidade. (Savater, 1997, p. 39). Com esta motivação, tentamos perceber o que aprende o Homem sobre ser Homem e si próprio.

#### APRENDER A SER – HOMEM

Não podemos querer erguer novos homens e mulheres nas novas gerações se não existe qualquer tipo de meta onde chegar, sem referências. Torna-se necessário a este trabalho fazer uma abordagem ao conceito de Homem, de Humanidade universal que pode e deve ser estimulada em cada pessoa, onde quer que esteja no mundo. Com isto reconhecemos que só se dedica à educação quem acredita que há características da Humanidade que não só podem ser adquiridas mas têm de ser adquiridas pelos novos homens e mulheres.

#### SER HOMEM POR DENTRO E POR FORA

*Sou um formidável dinamismo obrigado ao equilíbrio  
De estar dentro do meu corpo, de não transbordar da minh'alma.  
Ruge, estoura, vence, quebra, estrondeia, sacode,  
Freme, treme, espuma, venta, viola, explode,  
Perde-te, transcende-te, circunda-te, vive-te, rompe e foge,  
Sê com todo o meu corpo todo o universo e a vida,  
Arde com todo o meu ser todos os lumes e luzes,  
Risca com toda a minha alma todos os relâmpagos e fogos,  
Sobrevive-me em minha vida em todas as direções!*  
Álvaro de Campos, em "Poemas"

O Homem é um corpo físico e todo o interior que a sua forma esconde. Ensina-nos Savater que Aristóteles colocou a questão da seguinte maneira: para ele o homem possui uma alma que representa o princípio vital do corpo, isto é, é para o corpo fonte de toda a vida (Savater, F., 1999, p. 84).

Ser Homem por fora é conhecer e dominar o próprio corpo, aquilo que se consegue fazer com ele, o que se pode e deve fazer com ele. O corpo é o primeiro conhecimento que alguém tem de si próprio e que o aproxima e distingue dos que o rodeiam. É o próprio corpo que sugere que há realidades na Humanidade que são universais e inserem todos os homens e mulheres na mesma família, e é também o corpo que, em primeira instância, distingue os indivíduos uns dos outros e os alerta para a originalidade de cada pessoa (e cada povo!). O corpo é um primeiro mapa para a descoberta pessoal contendo pistas muito úteis para as opções que cada indivíduo terá de tomar ao longo da sua vida. De forma especial, destacamos os sentidos que serão a ponte entre o indivíduo e o mundo e permitirão o primeiro contacto com toda a realidade que o envolve. A consciência dos sentidos, o aperfeiçoamento das suas capacidades e a coordenação destes com a própria razão serão aspectos essenciais no desenvolvimento humano.

No entanto, reconhecer que não somos somente um corpo é um primeiro passo importante para perceber que o crescimento do indivíduo enquanto Homem terá que, necessariamente, levá-lo a descobrir, também, todo o mundo que se esconde por detrás das suas formas humanas. O filósofo diz que “estamos todos convencidos que temos uma certa identidade, algo que permanece e dura através do turbilhão de desejos, pensamentos e sensações” (1999, p. 77). Essa identidade, o autor descreve como sendo a ideia que cada indivíduo tem de si mesmo e que é, simultaneamente, partilhada pelos outros. Noutras palavras, podemos dizer que é a intercepção entre a auto e a hetero-imagem de um certo indivíduo, o cruzamento entre aquilo que pensa que é em todas as circunstâncias e com qualquer pessoa, aquilo que o define e o torna realmente único, e a percepção que os outros têm dele e das suas atitudes.

O autor espanhol afirma, por outro lado, que o Homem é um ser não só consciente mas, também, auto-consciente (Savater F., 1999, p. 79), ou seja, tem consciência da própria consciência. Por isso, ao contrário de outros animais, o Homem é dotado da capacidade de se perguntar – *quem sou eu?*; *o que me distingue dos outros e em que me assemelho a eles?*; *para que serve a vida?*; *como devo vivê-la?* – e de orientar a sua vida segundo as respostas que vai encontrando para tais questões.

Assim, por um lado, o Homem observa a forma como funciona no mundo e perante os fenómenos com que se depara. Por outro, dentro de si, prova a experiência desse mesmo funcionamento, procurando integrar todos os eventos e compreendê-los de

forma a progredir naquele que é o caminho que se propõe a percorrer para a felicidade (Savater, F., 1999, pgs, 86 e 87). Esta dupla experiência é, sem dúvida, característica essencial do Homem.

#### *SER HOMEM RACIONAL*

*A maioria pensa com a sensibilidade, eu sinto com o pensamento.  
Para o homem vulgar, sentir é viver e pensar é saber viver.  
Para mim, pensar é viver e sentir não é mais que o alimento de pensar.*  
Fernando Pessoa

Savater concebe a razão como a procura de argumentos antes de aceitar como bom o próprio conhecimento (Savater, F., 1999, p. 53). Diz o filósofo espanhol que a razão conhece e reconhece os seus limites e não a sua onipotência (1997, p. 135), mas acredita que o verdadeiro exercício racional caminha de mãos dadas com a verdade sendo que o primeiro procura aproximar aquilo em que se acredita do que se passa na realidade da própria vida e de toda a sociedade (Savater, F., 1999, p. 53). Será a boa combinação entre as percepções do mundo sensitivo e os discernimentos racionais que aproximarão o Homem das verdades da sua vida e do mundo.

O Homem como parte da realidade que pretende compreender vai partilhar dos seus princípios vitais e por aí sabemos que terá uma disposição própria para a dominar, em certa parte, naturalmente. Por isso, alerta Savater, “toda a razão é fundamentalmente conversação” (1999, p. 65), uma busca incessante de diferentes pontos de vista, discutindo, refutando e aderindo a determinadas ideias, chegando juntos a eventuais consensos. Nesta euforia comunitária da procura da verdade, importa, segundo Savater, rejeitar o *relativismo e a sacralização das opiniões*, inimigos da democracia, e estimular a capacidade de abstração na sociedade.

Se não queremos que o uso da razão por parte do Homem se torne numa arena de opiniões tipo ‘vale tudo’, todas iguais em valor e autoridade, é imperativo definir critérios que ajudem cada um a tomar as suas posições. Aquilo que vai legitimando todos os grandes sábios e filósofos ao longo dos tempos é, segundo Savater, o *respeito racional* de todos aqueles que dedicavam largas horas a estudar os seus escritos. “Este respeito racional, que é respeito da razão à margem da fé e, por vezes, sorrateiramente

contra ela, configura o verdadeiro ponto de partida das humanidades e do humanismo” (Savater, F., 1997, p. 133).

Pretender-se-á, então, estimular os atributos racionais do Homem, consciente dos limites lógicos da sua razão e comprometido, ainda assim, com a descoberta da realidade que o envolve, habilitado para prosseguir numa discussão aberta com os que partilham a estrada consigo, sabendo escutar e expressar-se com clareza e precisão, contribuindo para o desenvolvimento e aprofundamento intelectual das comunidades em que se insere.

#### *SER HOMEM LIVRE*

*“A liberdade, sim, a liberdade!  
A verdadeira liberdade!  
Pensar sem desejos nem convicções.  
Ser dono de si mesmo sem influência de romances!  
Existir sem Freud nem aeroplanos,  
Sem cabarets, nem na alma, sem velocidades, nem no cansaço!”*  
Álvaro de Campos, in "Poemas (Inéditos)

Como primeira reflexão sobre o tema, Fernando Savater partilha no seu livro *O Valor de educar* que “a liberdade não é um *a priori* ontológico da condição humana, mas uma conquista da nossa integração social”, insistindo, posteriormente, que não partimos da liberdade mas chegamos a ela, afirmando mesmo que “ser livre é libertar-se” (Savater, F., 1997, p. 98). Nietzsche defendeu uma noção de liberdade mais estrita: “homem livre é aquele que pensa de modo diferente daquilo que seria de esperar da sua origem, do seu meio, do seu estado e da sua função ou das opiniões reinantes do seu tempo” (Savater, F., 1997, p. 163). Savater, pegando nesta ideia, define, ainda, liberdade como a capacidade de *atraíçoar racionalmente*. Para todos os que gozam da liberdade exterior, longe das experiências de escravatura, de prisão e guerra, e também para os que, infelizmente, vivem nestas condições, a meta a alcançar é a da conquista da liberdade interior, a da verdadeira autonomia face ao exterior e, talvez mais importante, perante as próprias inclinações. Isto é, ser capaz de ser fiel ao que se crê ser certo e verdade, procurando fazer de cada escolha um passo para o lugar que lhe é próprio. Uma experiência bem descrita no trecho do poeta que em cima citámos.

Savater rejeita ver a educação como uma fábrica de adultos, sugerindo, antes, que a sua missão passa por “libertar em cada homem aquilo que o impede de ser ele próprio,

permitir-lhe realizar-se segundo o seu "gênio" singular" (Savater, F., 1997, p. 101). No livro *Las preguntas de la vida* propõe três tipos de liberdade: 1. Disponibilidade para atuar segundo os próprios desejos; 2. Liberdade de querer o que se quer, e não apenas fazer o que se quer; 3. Liberdade de querer o que não se quer. Sendo o primeiro ponto mais simples de entender, o autor explica o segundo dizendo que "se eu não quiser, ninguém me pode obrigar a odiar o meu torturador nem a acreditar nos dogmas que trata de impor-me pela força" (Savater, F., 1999, p. 149). Se conhecemos, infelizmente, situações em que a primeira liberdade é limitada, a segunda ninguém a pode roubar a cada indivíduo. Quanto ao terceiro ponto, é proposto um estágio da liberdade humana que permite ao Homem combater os impulsos e inclinações de hoje para alcançar um bem superior no dia de amanhã. Este último estágio é aquele que garante a verdadeira e pura autonomia dos Homens, uma vez que possuem um domínio grande das suas motivações e são capazes de optar por aquilo que é realmente o melhor para si e para a comunidade, mesmo quando apenas se verifica num tempo futuro. Sabemos, depois de Freud, que isto é uma tarefa exigente e complexa mas a única que pode ser garante da plenitude que o Homem aspira.

Mais uma nota sobre a liberdade humana para relacioná-la com a ação do Homem no mundo em que se insere. Para Savater, qualquer que seja a atividade a ser desenvolvida, a ação humana é sempre um "ato voluntário" que, por ser livre, não pode ser desprovido da respetiva responsabilidade. Só a ação pela qual se torna totalmente responsável o sujeito pode abraçar com toda a liberdade, tudo o resto são melhores ou piores representações dessa aspiração real do Homem de ter nas suas mãos o poder da decisão. Ser responsável pelos próprios atos e atitudes representa um peso que há que saber assumir com sentido de direito e, também de dever, sendo necessário, simultaneamente, uma dose grande de humildade para saber que, na sua liberdade, o Homem pode-se enganar. Fernando Savater aborda a possibilidade de erro no exercício da própria liberdade lembrando que "o Homem parece ser o único animal que pode estar descontente de si mesmo: o arrependimento é uma das possibilidades sempre abertas à autoconsciência do agente livre" (Savater, F., 1999, p. 161). Espera-se do Homem livre a capacidade de reconhecer o peso de cada decisão, tomando-a com a seriedade que lhe é devida, e a humildade para reconhecer o seu erro e crescer a partir dele.



Finalmente, é precisamente pela sua liberdade que o Homem afeta os destinos do mundo em que habita, como lemos em Aristóteles. Para os Homens crentes na sua capacidade de alterar o decurso da ação, a possibilidade de gozar desta liberdade no sentido pleno do seu significado assume uma importância grande na luta pela sua realização pessoal e, também, da comunidade em que se insere. Assim, a liberdade humana dever-se-á, ainda, materializar no compromisso deste com a sociedade e com os outros, menos por obrigação do que por vocação, como veremos de seguida.

#### *SER HOMEM JUNTO DOS OUTROS HOMENS*

*Como é por dentro outra pessoa  
Quem é que o saberá sonhar?  
A alma de outrem é outro universo  
Com que não há comunicação possível,  
Com que não há verdadeiro entendimento.*

*Nada sabemos da alma  
Senão da nossa;  
As dos outros são olhares,  
São gestos, são palavras,  
Com a suposição de qualquer semelhança  
No fundo.*

Fernando Pessoa, Como é por dentro outra pessoa

Como já expusemos anteriormente, o Homem só o é verdadeiramente quando cresce em comunidade. São muito interessantes, neste aspecto, as histórias das *crianças-selvagens* afastadas do contacto humano, incapazes de perceber não só a linguagem como todos os símbolos e significados humanos. O convívio humano é fundamental na consciência do indivíduo enquanto Homem e no caminho da descoberta pessoal. Diz Savater que “para nos conhecermos a nós mesmos é necessário, em primeiro lugar, sermos reconhecidos pelos outros” (Savater, F., 1999, p. 197).

No entanto, ensina-nos a história que o bom convívio humano nem sempre é conseguido e a guerra e o poder pela força sempre tiveram uma presença constante na vida dos povos. Sendo que o século passado acabou por ser rico na reflexão dos direitos dos Homens, marcado pelas incríveis tragédias e, simultaneamente, por incontestáveis conquistas da Humanidade a vários níveis, o Homem contemporâneo ainda está longe de conseguir reconhecer e respeitar totalmente a dignidade de todos os Homens e viver

em paz em comunidade. No que diz respeito ao nosso tema, a descoberta da necessidade e oportunidade de interação entre os Homens requer saber descobrir no próprio e no outro a mesma dignidade, recordando que, em cada coração humano se escondem um mundo infinito de sonhos, medos, sentimentos, talentos, não podendo indivíduo algum, em circunstância alguma, assumir-se como superior a qualquer outro. Reconhecer a inviolabilidade da dignidade do outro significa compreender e tratar cada pessoa como um fim em si mesma e nunca como um meio para o que quer que seja.

Ser Homem junto dos outros é descobrir a riqueza que se gera na partilha do caminho, na complementaridade das diferenças e na procura conjunta de soluções para os problemas da Humanidade. Freud alertou com o seu trabalho para a insuficiência dos nossos métodos de regulação das nossas relações (Savater, F., 1999, p. 214) explicando que muitos fenómenos que se passam dentro de nós e que pouca consciência temos vão afectar as nossas escolhas e decisões, e consequentemente as nossas relações. Estar e viver com os outros requer empenho constante, apenas justificável quando se reconhece que a amizade e a boa companhia são motores de vida que levam o Homem a reconhecer-se, superar-se e realizar-se.

Neste sentido, e também no da aprendizagem ao longo da vida, insiste Roberto Carneiro nos seus trabalhos no conceito de *contrato social* como “uma livre negociação (ainda que implicitamente) de códigos de conduta, de uma cidadania ativa e participativa, que deriva do equilíbrio entre o cumprimento dos direitos e das obrigações no âmbito social” (Carneiro, R. 2006). Neste ponto se tocam o tema da liberdade e do compromisso com a comunidade em cada indivíduo se insere, sendo o Homem convidado a optar livremente pela participação ativa na comunidade, onde realiza os seus direitos e deveres, cumprindo a possibilidade de intervir na construção de um futuro comum vantajoso para todos. A demissão deste compromisso do indivíduo para com a comunidade e da comunidade para com o indivíduo será causa de grandes desequilíbrios nas esferas da vida pessoal e comunitária.

O Homem vive para amar, para viver a experiência de uma entrega recíproca, e só assim, completar-se numa rede de vínculos humanos. Jesus Cristo, a quem seguem os Cristãos e a quem tantos outros reconhecem a sua doutrina, questionado sobre qual dos históricos mandamentos é mais importante, respondeu com assertividade: *Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo!* O altruísmo imprescindível ao amor quase é hipócrita quando o Homem se apercebe que é na entrega generosa e

desinteressada ao outro que mais se realiza e preenche aquele que é o maior vazio de todos. Savater chega mesmo a dizer que entre todos os sofrimentos que abalam o Homem não há nada que se possa comparar com a sensação de perder o amor (Savater, F., 1999, p. 214). Ser Homem passará por aceitar o convite a viver este mistério do Amor, com toda a intensidade e devoção, nas várias formas que este se possa manifestar.

### *SER HOMEM NO TEMPO*

*Aproveitar o tempo!  
Ah, deixem-me não aproveitar nada!  
Nem tempo, nem ser, nem memórias de tempo ou de ser!  
Deixem-me ser uma folha de árvore, titilada por brisa,  
A poeira de uma estrada involuntária e sozinha,  
O vinco deixado na estrada pelas rodas enquanto não vêm outras,  
O pião do garoto, que vai a parar,  
E oscila, no mesmo movimento que o da alma,  
E cai, como caem os deuses, no chão do Destino.  
Álvaro de Campos*

Não podemos refletir na Humanidade sem dedicarmos algumas linhas à sua relação com o tão misterioso e enigmático tempo. Disse Santo Agostinho que sabia o que era o tempo até ao momento em que lhe pedissem para o explicar, o que parece ser uma sensação partilhada por uma grande parte dos indivíduos. Importa perceber que o tempo é uma criação humana dada a necessidade de ordenar e coordenar a sua atividade, o seu dia-a-dia. Nas palavras de Savater, “as formas de medir o tempo são convenções necessárias para determinar unanimidades socialmente imprescindíveis” (Savater, F., 1999, p. 219). Mas porque é tão necessário fazer esta medição do tempo? A principal razão será sabermos que vamos morrer. “A temporalidade é a consciência do nosso caminho para a morte e do caminho das coisas que mais amamos para o seu fim ou ruína” (Savater, F., 1999, p. 260). A nossa mortalidade e, sobretudo, a nossa consciência dela, são características básicas no Homem e vão ser pano de fundo da abordagem que terá nas suas relações, empreendimentos e lutas, em tudo o que quiser fazer da sua vida. É dessa consciência que nasce a disponibilidade genuína para o Homem se descobrir e compreender; para se perguntar sobre si e sobre o que o rodeia; para aspirar ao maior grau de liberdade e ser senhor do seu destino; para se entregar aos

outros e viver em comunidade; e para procurar o verdadeiro sentido da sua vida. Como explicou o espanhol Spinoza, o “homem livre em nada pensa mais do que a morte e a sua sabedoria não é uma meditação da morte, mas da vida” (Savater, F., 1999, p. 43).

Muitos autores se têm encarregado de refletir sobre o tempo e a relação do Homem com passado, presente e futuro. Partilhamos da visão de muitos que colocam o seu foco no presente, como Santo Agostinho se referia ao *presente das coisas passadas*, *presente das coisas presentes* e *presente das coisas futuras*. Por outro lado, apoiamos em Aristóteles no que respeita à colaboração humana no desenho do futuro que está para vir, só assim faz sentido falar em liberdade do Homem. O presente é o momento da decisão, onde o Homem racional e livre pode decidir que rumo dar aos próximos passos, afectando o seu percurso e, também, o destino de toda a sociedade. O *agora*, o instante impossível de agarrar e muito menos guardar, torna-se rei da ação humana, único espaço de tempo onde o destino da humanidade se pode constantemente decidir e onde o Homem deve concentrar todas as suas forças e empenho. Os gregos antigos chamaram-lhe *Kayros*, “o momento propício em que se pode realizar o antes impossível e onde aparece por obra do ânimo humano a ‘ideia nova’ que antes faltava no mapa do mundo real” (Savater, F., 1999, p. 258). Continua o autor espanhol afirmando que o que conta nesta ideia de temporalidade é a possibilidade sempre aberta de *Kayros*, em que o momento de agora pode “romper com a rotina e o previsível para inaugurar uma perspectiva inédita de vida consciente no universo: o momento em que a imaginação se põe em prática” (Savater, F., 1999, p. 258).

Santo Agostinho explicava que “o presente das coisas idas é a memória. O presente das coisas presentes é a percepção ou a visão. E o presente das coisas futuras a espera.” (Savater, F., 1999, p. 252). A memória do que viveram os seus antepassados, as suas conquistas e sofrimentos, é o que permite ao Homem progredir e crescer na sua Humanidade ao longo dos séculos. A visão será a sua capacidade para discernir os passos que lhe permitam alcançar o que procura hoje e no amanhã que está para vir. A espera, ou esperança, transmite a relação com o que ainda não chegou e ainda nos inquieta. Embora se tratem de processos orientados para espaços temporais diferentes, é na sua simultaneidade no agora que melhor compreendemos esta relação do Homem com o tempo.

Não sei. Falta-me um sentido, um tacto  
Para a vida, para o amor, para a glória...  
Para que serve qualquer história,  
Ou qualquer facto?  
Álvaro de Campos

Roberto Carneiro escreveu em 2006 para a Revista Prelac que “ser humano –en su esencia íntima– es procurar entender la vida y encontrarle un sentido a las cosas. Nuestra búsqueda incansable de la felicidad es, sin duda, la búsqueda de un sentido duradero a la existencia humana.” (Carneiro, 2006). Quando refletíamos no tempo, dissemos crer que o Homem, na sua liberdade, pode (e deve) alterar o futuro. A atitude séria e determinada da procura de sentido para a vida é um passo necessário para que o Homem tenha a mínima possibilidade de afetar o rumo a seguir.

Savater diz que quando perguntamos “se a vida tem sentido o que queremos saber é se os nossos esforços morais serão recompensados, se vale a pena trabalhar honradamente e respeitar o próximo, ou daria o mesmo entregar-se a vícios criminais, numa palavra, se nos *espera* algo mais além e fora da vida ou só a tumba, como parece evidente.” (Savater, F., 1999, p. 275). Para alguns religiosos, a ideia da vida eterna, recompensadora de todos os esforços e sacrifícios, parece ser resposta suficiente a procura de sentido. Mas para o que não crê, de onde virá esse sentido para a vida? Savater responde que o sentido da vida e de toda a ética humana não vêm de Deus ou da esperança da vida eterna mas, antes, “da recompensa na sua própria atividade fazendo-o saber-se mais razoavelmente humano e livre” (Savater, F., 1999, p. 276). Assim, a busca de sentido concretiza-se verdadeiramente quando “não se vive para a morte ou eternidade mas para alcançar a plenitude de vida na brevidade do tempo.” (ibidem). Para o Homem crente e o não crente, parece-nos que a meta é suficientemente ambiciosa e justifica os seus melhores esforços, até porque religiões como o Cristianismo ensinam-nos que a Fé na vida eterna não é contrária à busca da plenitude no tempo presente.

## CONCLUSÃO

Sendo os caminhos da Humanidade tão diversos e misteriosos, assim serão as diferentes experiências da plenitude de vida feitas pelo Homem – diversas na sua

expressão mas semelhantes no valor. O convite lançado é universal e terá de ter por base o Homem que nas últimas páginas fomos desenhando, refugiando-nos no respeito racional alcançado pelos autores em que nos apoiamos. Estamos em crer que a meta final - a felicidade - será alcançada, com maior probabilidade, pelo Homem racional e livre; que se conhece e domina por dentro e fora; verdadeiramente entregue às suas tarefas e, sobretudo, ao seu próximo; que conhece o seu tempo e o tempo das coisas; que se dedica, em cada pequeno passo, a buscar o profundo sentido da sua vida e da sua comunidade, e lhe é sempre fiel. Esse Homem verdadeiramente humano não é o ser perfeito mas a referência do que somos todos chamados a ser. Será, mais ainda, a estrutura que acomodará a originalidade de cada indivíduo e que, ao integrá-la na grande família Humana, permite que esta última cresça e se enriqueça para maior felicidade de todos.

#### APRENDER A SER SI PRÓPRIO

A aprendizagem do ser si próprio, consciente da sua identidade e carisma será preponderante para todas as facetas da vida do indivíduo e poderíamos descrever este processo pela simples pergunta mas sempre inspiradora da personagem Jean Valjean nos *Les Misérables* de Victor Hugo – *Quem sou eu?* Não havendo espaço para um desenvolvimento mais rigoroso deste tema, servimo-nos das referências já feitas ao longo deste texto e que nos permitem perceber que a aprendizagem de si próprio preconizada por cada indivíduo é absolutamente crucial no seu desenvolvimento assim como no desenvolvimento da sociedade em que se insere. Não existem dois indivíduos iguais e a complementaridade das comunidades enriquece na medida em que cada ser se descubra e seja fiel a si mesmo. Que cada um se conheça e cresça enquanto ser único e original será meta universal da educação.

#### APRENDER A SER FELIZ

Ban Ki-moon, Secretário Geral da ONU, no passado dia 20 de Março, em que se celebrou o Dia Internacional da Felicidade, disse no seu discurso: “A busca pela felicidade é algo sério”. Ao longo dos textos dos vários autores que analisámos foi essa a leitura que fizemos e assim entenderemos a felicidade como a meta para a existência humana, que deve ser alcançável por todos os indivíduos. Por isso se torna tão relevante

incluir esta aprendizagem no seguimento das outras duas, pois tudo o que o Homem faz nas esferas individual e comunitária se deve orientar para este horizonte: a felicidade do próprio e dos que o rodeiam.

Nesse sentido, analisado o pensamento dos vários autores citados, parece-nos que faz sentido pensar que a experiência das duas grandes aprendizagens que a precedem – aprender a ser Homem e aprender a si próprio – em muito pode contribuir para que a meta seja alcançada. A dupla missão do indivíduo de ser cada vez mais Homem e cada vez mais si próprio será fonte da sua maior realização, expressa, certamente, numa infinidade de formas.

#### AS DIMENSÕES DA APRENDIZAGEM DO SER

Como consequência das várias obras analisadas, fazemos uma proposta das dimensões da aprendizagem do ser, que respeitem a sua tripla missão do acompanhamento e desenvolvimento do indivíduo enquanto Homem, si próprio e feliz!

#### *CARISMA NATURAL*

Quando referimos carisma natural, pretendemos investigá-lo como a identidade única e original de cada indivíduo, cheia de potencialidades e talentos e, naturalmente, de outros tantos medos e ansiedades.. Cultivar esta busca pessoal na escola dependerá sobretudo das pessoas que acompanham com frequência os jovens aspirantes, sendo capazes de individualizar cada ser como ele merece, respeitando o seu traço original, ajudando-o a ir ao encontro de si mesmo.

Proporcionar uma aprendizagem nesta dimensão é essencial no desenvolvimento das novas gerações, sobretudo nas idades referidas, e esta temática deve ter lugar na formação e acompanhamento dos professores e outros agentes que lidam com os jovens. Na abordagem aos jovens devem ser privilegiados tempos e espaços específicos para a descoberta da própria originalidade, em encontros individuais e de grupo, nomeadamente através das estruturas de apoio como os gabinetes de psicologia e de sessões de esclarecimento e conversa sobre diversos temas.

## MEMÓRIA

No que toca à aprendizagem do ser, a abordagem que é feita à memória aproxima-se da sua componente psicológica e cultural. Por um lado, a memória psicológica é entendida pela consciência do próprio percurso feito até um determinado momento e por todas as emoções e experiências feitas pelo indivíduo ao longo do seu caminho. Numa perspectiva mais pessoal, trata-se de guardar os grandes e pequenos marcos da própria vida, entendendo o modo como afectam as decisões e escolhas do presente. Por outro lado, falamos em memória cultural quando nos reconhecemos parte da grande família Humana e, mais concretamente, de um determinado povo, país, família. Conhecer a sua história e saber que somos mais uma página de um grande livro, guardar a sua memória e conseguir crescer a partir das conquistas dos que antecederam, será um trunfo essencial que cada indivíduo deverá ter à sua disposição para lidar com os grandes momentos da vida. A memória psicológica e a memória cultural são duas dimensões da aprendizagem do ser.

## TOMADA DE DECISÃO

Outra dimensão do pilar aprender a ser é a Tomada de decisão que englobará todos os passos a percorrer no uso da capacidade racional do Homem. o raciocínio, a capacidade de iniciar e concluir um pensamento racional. No que toca à aprendizagem do ser, o trabalho do raciocínio deve centrar-se nas seguintes capacidades: ser crítico diante dos vários assuntos da vida pessoal e comunitária, essencial para o exercício da democracia; dominar o processo de tomada de decisão, partindo de uma ponderação do desafio que está pela frente, das diferentes alternativas de solução e dos recursos disponíveis para as implementar, conseguindo arriscar pela aparente melhor solução e fazendo uma boa avaliação do processo de decisão e das suas consequências *a posteriori*; saber projetar, como o ato de fazer escolhas procurando prever cenários futuros com a informação disponível de hoje, tão essencial ao planeamento da vida pessoal e em muitas tarefas da vida profissional. O exercício da razão, na totalidade das suas aplicações, interessa à aprendizagem do ser, devendo esta focar-se nos aspectos que podem ser menos estimulados pelas disciplinas curriculares.



## *IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE*

Estas duas dimensões, agregadas propositadamente, orientam o Homem para o abstracto, permitindo-lhe conceber o que ainda não existe, abordando os problemas e obstáculos com um positivismo e esperança imprescindíveis à criação das suas soluções. Distinguiremos os dois conceitos da seguinte forma: imaginação como a capacidade de visualizar o inexistente, o que não é ainda visível e que pode nunca vir a chegar a sê-lo; criatividade é a arte de trazer esse mundo para a nossa realidade, a capacidade de encontrar os meios para superar as dificuldades que surgem nas tarefas do dia-a-dia. O Homem deve ser desafiado prematuramente nestes conceitos, ainda mais num mundo em que as coisas mudam a uma velocidade estonteante, originando, em cada dia, novos problemas e desafios para resolver.

Trabalhar as dimensões da imaginação e da criatividade poderá acontecer, de forma consciente, nas diversas disciplinas escolares, nomeadamente nas áreas mais artísticas e desportivas, e através de outras atividades no âmbito escolar como um jornal, blog ou rádio da escola; concursos intra e inter-escolares para resolver enigmas e problemas das diversas áreas; clubes temáticos; e outros espaços físicos específicos para este trabalho.

## *COMUNICAÇÃO*

Como vimos anteriormente, o Homem precisa da comunidade, qualquer que seja, para se tornar Homem e sempre precisa de qualquer espécie de vínculo humano, é um ser social. Um dos aspectos mais importantes que sobressai desta constatação é o problema da comunicação com o outro e a expressão exterior dos fenómenos interiores de cada indivíduo. É disso que trata esta dimensão da aprendizagem do ser. Aprender a ler, escrever e falar é base de todas as restantes aprendizagens e desde sempre que a escola dedica muitos dos seus recursos neste domínio. Mas será que é apenas isso que trata esta dimensão?

Vamos procurar ir um pouco mais além do processo de apreensão dos diferentes caracteres e das diferentes combinações dos mesmos que originam um código de palavras que são compreendidas pelas pessoas que pertencem a determinado povo ou país. No que respeita à aprendizagem do ser, interessa-nos a capacidade de organizar um pensamento e conseguir expô-lo de forma coerente, consistente e assertiva. Saber

comunicar implica saber ler o outro, não só a sua escolha de palavras mas o significado dessa mesma escolha de palavras. O mesmo se aplica para os símbolos, gestos e atitudes que o Homem tem consigo e com a comunidade. Aprender a comunicar compreende o esforço de entender não apenas as palavras e gestos que são recebidos e enviados como também o significado que cada indivíduo a eles atribui. No mínimo, falamos sempre em três etapas na comunicação que devem ser conscientes para que seja mais efetiva: o que penso; o que transmito; e o que o outro interpreta. É preciso criar situações de treino e reflexão sobre o fenómeno da exteriorização do mundo interior através de uma “linguagem” que seja compreendida pelos que estão ao redor. Valorizamos, ainda, nesta dimensão, o domínio de vários idiomas e o conhecimento de diferentes culturas.

### *SENTIDO ESTÉTICO*

A educação estética é uma dimensão fundamental da aprendizagem do ser ao trabalhar os diversos sentidos do Homem e orientá-lo na sua vocação para o Belo, que consecutivamente o direciona para o Bem. Esta aprendizagem é assegurada pela exposição do Homem às diversas artes que o ajudam a analisar e compreender o mundo, si próprio e os outros. No entanto, o seu valor não está simplesmente no domínio de determinadas técnicas mas na forma como as utiliza para observar e entender o mundo e todas as suas manifestações. Esse é o lugar desta dimensão na vida escolar e na de todas as comunidades.

Parece-nos necessário que a escola encontre formas de expor os seus alunos às várias artes que estudam a realidade – Pintura, Escultura, Música, Dança, Teatro – e fomite neles a preocupação e carinho pelo trabalho que desenvolvem na sua conquista e a vontade de participar neste processo. Assim, distinguindo dois momentos diferentes nesta aprendizagem, sugerimos que deva assumir como seus objetivos, em primeira instância, a capacidade de apreciação, interpretação e estima pela arte, do Belo e da Verdade; em segunda instância, a capacidade de criação de nova arte que procure descobrir e comunicar a realidade do mundo e da vida do Homem.

### *EQUILÍBRIO FÍSICO-ESPIRITUAL*

Na continuação das dimensões anteriores, entendemos esta dimensão da aprendizagem do ser como o são e equilibrado desenvolvimento do corpo e do espírito

do Homem. Incluir-se-á nesta dimensão a descoberta do próprio corpo, das suas características, funcionamento e vocação, ou seja, como é o próprio corpo, como funciona e para que servem as suas complexas particularidades. A compreensão do corpo e dos seus fenómenos assume, na aprendizagem do ser, especial destaque para o apuramento dos sentidos, reconhecendo o seu importantíssimo papel na percepção do mundo. Fundamental neste ponto é, ainda, conseguir cultivar em cada indivíduo a aceitação e amor à própria forma, percebendo o seu carácter identificativo e unindo-o ao respetivo interior, o ser emotivo e sentimental. Igualmente importante é identificar as características psicológicas que provocam a originalidade de cada pessoa e todas as inclinações que habitam o seu interior. Segundo alguns especialistas, as decisões que cada indivíduo toma diariamente são, em muitos casos, mais afectadas pela sua estrutura emotiva do que pelos seus processos racionais.

De uma forma particular, espera-se, sobretudo no período em torno à adolescência, a discussão de um outro equilíbrio, que aqui integramos – afectividade e sexualidade. Falamos na preparação do indivíduo para as opções que terá que tomar nestes campos da sua vida e que não o envolverão apenas a si. É imperativo esclarecer a ligação que une os dois conceitos e o impacto real que terão na vida do Homem e, ao mesmo tempo, providenciar-lhe as ferramentas necessárias para tomar decisões que o aproximem das suas aspirações mais profundas.

#### *RELAÇÃO COM MEIO-AMBIENTE*

Grandes, e cada vez maiores, são as preocupações das nações pelo mundo em que se inserem, fruto da má convivência do Homem com a natureza. Os últimos séculos, dos grandes avanços industriais e tecnológicos, têm sido dos mais danosos para o ambiente e foram, também, o berço de alguns esforços das sociedades modernas para o cuidar e estimar. Importa, neste capítulo, tornar consciente aos alunos estas preocupações, os assustadores números e previsões com que somos constantemente confrontados e as eventuais soluções para reverter o caminho que foi seguido ao longo das décadas.

Pretende-se que esta aprendizagem não seja apenas factual ou se concretize meramente num compromisso de algumas obrigações gerais relativamente à natureza mas que se traduza, especialmente, numa experiência positiva do Homem com o mundo

que o acolhe e a ele se continua a revelar. Aprender a respeitar a natureza e, sobretudo, aprender a valorizar as suas ofertas e as lições que nos proporciona.

### *VALORES E MORAL*

Finalmente, decidimos ainda incluir o desenvolvimento moral do indivíduo como meta da aprendizagem do ser. Defendemos uma equilibrada combinação entre estímulo racional da procura do Bem e das virtudes que enaltecem o Homem, as suas relações e atividade, e as oportunidades de prática da sua opção livre pelo Bem. Entre outros possíveis aspetos relevantes nesta dimensão, salientamos como pano de fundo o profundo estímulo da própria consciência, concretizado, de forma especial, no respeito pela dignidade do próprio e dos outros e nas noções de cidadania e interculturalidade. Alimentar a própria consciência com a sincera procura do Bem, não só com conhecimento válido mas, principalmente, com a capacidade crítica de avaliar as diversas situações da vida pessoal e social, é essencial para o desenvolvimento moral sustentado.

Se falámos anteriormente na vocação do Homem, como ser sociável, de se entregar ao seu próximo e caminhar com ele, facilmente compreendemos a necessidade de saber reconhecer nesse próximo um Homem, igual a mim em valor e dignidade, também ele cheio de sonhos e medos e tantos sentimentos. Por outro lado, sobretudo onde se vive em democracia, precisa-se do Homem cidadão que assume os seus direitos e deveres, que reconhece o seu lugar na comunidade e procura dar o seu contributo. Por fim, apoiados na experiência humana que une todos os Homens numa só família, falamos de interculturalidade recordando os percursos históricos de vários povos e comunidades e que permitem ao Homem identificar-se com diferentes formas de expressão da sua Humanidade. Assim, pretende-se cultivar no Homem a capacidade de conciliar a experiência humana que a todos agrega com o espaço para as diferentes expressões humanas que foram surgindo ao longo da sua história.

### *SÍNTESE FINAL*

Concluimos o nosso enquadramento teórico com um quadro que sintetiza o caminho que percorremos ao longo das páginas anteriores.

Aprender a ser...		
Conceito		Dimensões
Aprender a ser Homem	Por dentro e por fora Racional Livre Juntos dos outros Homens No tempo Com um sentido	Carisma natural Memória Tomada de decisão Imaginação & criatividade Comunicação Sentido estético Equilíbrio físico-espiritual Relação com meio-ambiente Valores & moral
Aprender a ser si próprio		
Aprender a ser feliz		

Desenvolvemos o conceito de aprendizagem do ser segundo três perspectivas – ser Homem, ser si próprio e ser feliz. Apresentamos a última como meta da existência humana, propondo que as duas primeiras serão relevantes na sua conquista. Apoiados nos relatórios da UNESCO e de autores como Fernando Savater e Roberto Carneiro propusemos um conjunto de características a que todos os indivíduos são chamados a desenvolver em si. É nosso crer que as dimensões propostas possibilitam uma sã e completa aprendizagem de ser Homem e ser si próprio.

- Carisma natural: uma dimensão particularmente focada na descoberta do próprio;
- Memória: dadas as suas componentes individual e coletiva, dá um excelente contributo nas duas aprendizagens;
- Tomada de decisão: estímulo do lado racional do Homem;
- Imaginação e criatividade: fundamental no entendimento, problematização e resolução dos aspetos da vida pessoal e comunitária;
- Comunicação: expressar os próprios pensamentos, sentimentos e emoções e ser reconhecido é necessário ao desenvolvimento enquanto Homem e ser original;
- Sentido estético: educação da atração do Homem pelo Belo;
- Equilíbrio físico-espiritual: questão essencial para o Homem e para o indivíduo concreto, na relação com o outro e na compreensão de si;
- Relação com o meio-ambiente: o Homem comprometido com o meio em que se insere;
- Valores e moral: a vocação do Homem para o Bem e Amor, na relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo que o acolhe.

## ESTUDO

Quisemos ir à escola e descobrir de que forma esta entende e concretiza a aprendizagem do ser junto dos seus alunos. Depois de uma abordagem conceptual ao nosso tema, expomos, agora, os contornos e os resultados da nossa investigação.

### PROBLEMA

O problema que lançou a nossa investigação foi o seguinte:

*Estão as escolas portuguesas suficientemente sensibilizadas e preparadas para conduzir a Aprendizagem do ser junto dos seus alunos?*

### HIPÓTESES

Considerámos duas hipóteses de partida:

- H1: As escolas portuguesas ainda não estão suficientemente sensibilizadas para a *Aprendizagem do ser*
- H2: As escolas portuguesas não estão suficientemente preparadas para promover uma profunda *Aprendizagem do ser*
- H2: Existe maior sensibilização e preparação para a *Aprendizagem do ser* no ensino privado que no ensino público

### METODOLOGIA

#### RECOLHA DE INFORMAÇÃO

A recolha de informação deu-se de três formas:

- Análise da Lei de Bases do Sistema Educativo português, documento basilar para os ensinos público e privado em Portugal e que nos permite ter uma visão generalizada do tema.
- Análise de documentação básica das duas escolas, pretendendo, sobretudo, recolher primeiras impressões sobre o entendimento das duas escolas quanto à *Aprendizagem do ser* e aquilo que se propõe fazer para a estimular.

- Entrevistas com representantes de ambas as escolas em duas fases:
  - Diretores das escolas, centrando a conversa na sensibilização da escola para esta dimensão da educação;
  - Outros professores em lugares representativos, procurando compreender a preparação da escola para conduzir esta aprendizagem.

## *PARTICIPANTES*

São participantes desta investigação duas escolas portuguesas da cidade de Lisboa. A primeira, de ora em diante designada por Escola A, pertence ao sistema público de ensino. A segunda, nomeada como Escola B, é de iniciativa privada.

Na Escola A, conversámos com:

- o Diretor, professor de Tecnologias de Informação e Comunicação e que ocupa o atual cargo desde 2009, assim como a responsabilidade de ser Presidente do Agrupamento de Escolas a que esta pertence;
- a Coordenadora do Projeto Educativo, há 7 meses no cargo e há 16 anos na docência, formada em Filosofia;
- a Coordenadora dos Diretores de Turma, professora de Português no Ensino Secundário há 32 anos e há 4 anos com esta responsabilidade de coordenação.

Na Escola B, conversámos com:

- a Reitora, no cargo há 11 anos e com mais 9 de experiência em Educação, formada em Direito em Lisboa e em Gestão Escolar em *Columbia University*, entre outras experiências profissionais, passou pelo jornalismo;
- uma Professora com 3 anos de experiência, formada em Direito e em Ciências da Educação, com responsabilidades administrativas, nomeadamente na formação de professores.

## *CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS*

A Escola A pertence há mais de 30 anos ao sistema público do ensino nacional e integra um agrupamento de escolas com outros nove estabelecimentos que vão desde o jardim de infância até ao ensino secundário. Como se pode ler no site do agrupamento, “o nível socioeconómico e cultural das famílias dos alunos da escola é heterogéneo, na medida em que coexistem zonas habitacionais ocupadas por pessoas com rendimentos altos ou médio-altos, a par de estratos populacionais de rendimentos baixos que habitam, designadamente, os denominados bairros sociais”. Esta escola acolhe sensivelmente 1300 alunos por ano (de 2600 do agrupamento), dos quais 450 pertencem ao 3º ciclo e 850 ao ensino secundário. A escola tem 105 professores de um total de 210 professores do agrupamento.

A Escola B é de iniciativa privada e foi fundada no início do século. O nível socioeconómico das famílias é, na generalidade, alto, sendo que existem bolseiros financiados por donativos da comunidade escolar. Tem ensino organizado desde o jardim de infância até ao nível secundário e, em cada ano, conta com, aproximadamente, um total de 1500 alunos, dos quais 500 pertencem ao 3º ciclo e 150 ao ensino secundário. O grupo de professores totaliza 100 profissionais.

No ranking dos resultados dos exames nacionais para o ensino secundário, as duas escolas terminaram entre os primeiros 30 lugares, como tem sido habitual nos últimos anos. Nos resultados do 3º ciclo não encontramos qualquer informação relativamente à Escola B.

## *ANÁLISE DE RESULTADOS*

### *ANÁLISE DA LEI DE BASES DO SISTEMA EDUCATIVO*

Decidimos começar a nossa análise com a Lei de Bases do Sistema Educativo português (LBSE), de 1986, que apesar de ter sofrido algumas pequenas alterações ao longo dos anos, manteve-se desde essa data inalterada quanto à sua essência, nomeadamente nos temas que aqui trabalhamos. Neste documento iremos encontrar, naturalmente, indicações sobre o que o Estado Português entende pelo fenómeno da educação, também naquilo que nos diz mais respeito nesta investigação – a



aprendizagem do ser. De salientar que a LBSE é promulgada entre os relatórios de Edgar Faure e Jacques Delors, de 1972 e 1996, respetivamente.

Entendemos, desde o primeiro artigo deste conjunto de leis, que existe uma preocupação do Estado, referida várias vezes ao longo do documento, pela compreensão da educação como um fenómeno total, defendendo os maiores interesses dos indivíduos e da sociedade. Refere o artigo 1º que o sistema educativo garante o direito à educação no sentido de favorecer “o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade” (LBSE, 1º artigo, alínea 2). No 2º artigo, o Estado Português renova a prioridade do “desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade” (LBSE, 2º artigo, alínea 4) propondo uma série de características que tentará incentivar nos indivíduos: “formação de cidadãos livres, autónomos e solidários e (...) dimensão humana do trabalho” (LBSE, 2º artigo, alínea 4); “desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva” (LBSE, 2º artigo, alínea 5).

No artigo seguinte, a LBSE desenvolve o que chama de *princípios gerais* do sistema educativo, onde aprofunda as ideias que em cima já destacámos e desenvolve um conjunto de alíneas muito interessantes no contexto da aprendizagem do ser. Começa o artigo por referir a valorização do “património cultural português” e do percurso dos povos europeus e mundiais, e o apelo à fidelidade à “identidade nacional” e “matriz histórica de Portugal” (LBSE, 3º artigo, alínea a). Diz pretender “contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico” (LBSE, 3º artigo, alínea b). Prevê a “formação cívica e moral dos jovens” (LBSE, 3º artigo, alínea b), enquanto se propõe “assegurar o direito à diferença, mercê do respeito pelas personalidades e pelos projetos individuais da existência” (LBSE, 3º artigo, alínea d). No que se refere à preparação do indivíduo para o mercado de trabalho, procura-se “desenvolver a capacidade para o trabalho e proporcionar (...) uma formação específica para a ocupação de um justo lugar na vida ativa que permita ao indivíduo prestar o seu contributo ao progresso da sociedade em consonância com os seus interesses, capacidades e vocação” (LBSE, 3º artigo, alínea e).

Por outro lado, querendo “contribuir para a realização pessoal e comunitária dos indivíduos”, lembra a importância da “prática e aprendizagem da utilização criativa dos tempos livres” (LBSE, 3º artigo, alínea f). Finalmente, reforça que o sistema educativo se deve comprometer a “contribuir para desenvolver o espírito e a prática democráticos” (LBSE, 3º artigo, alínea l).

O documento em análise desdobra, nos artigos seguintes, as várias etapas do sistema educativo, propondo para cada um os respetivos objetivos, alinhados com os princípios gerais. Ao longo destes artigos vemos reforçadas, uma vez mais, uma série de perspetivas relativamente à aprendizagem do ser. Entre outros objetivos, o sistema educativo procurará, no ensino básico (1º ao 9º anos escolares) “assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social”, e “proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as atividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios” (LBSE, 7º artigo, alíneas a e c). Chegados à etapa do ensino secundário, os alunos devem ver-lhes assegurados, entre outras aprendizagens, o “desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica e o aprofundamento dos elementos fundamentais de uma cultura humanística, artística, científica e técnica” (LBSE, 9º artigo, alínea a), bem como a aquisição de “hábitos de trabalho, individual e em grupo”, favorecendo “o desenvolvimento de atitudes de reflexão metódica, de abertura de espírito, de sensibilidade e de disponibilidade e adaptação à mudança” (LBSE, 9º artigo, alínea g).

Cruzando os artigos da LBSE com as dimensões propostas no enquadramento teórico, faltou apenas uma menção à relação dos indivíduos com o meio ambiente. Encontrámos, no entanto, um documento da Direção Geral da Educação, de 2012, com o nome *Educação para a cidadania – linhas orientadoras*, onde, entre outros pontos, o Ministério da Educação e da Ciência diz que a escola deve “promover um processo de consciencialização ambiental, de promoção de valores, de mudança de atitudes e de comportamentos face ao ambiente” (DGE, 2012). Há um claro alinhamento entre as propostas de Faure (1972) e Delors (1996) e o entendimento do Estado português relativamente à aprendizagem do ser.

## ANÁLISE DE DOCUMENTOS DAS ESCOLAS

Quanto às duas escolas, procurámos perceber junto dos documentos que estão disponíveis ao público qual o papel que tentará assumir na aprendizagem do ser dos seus alunos.

### ***Escola A***

Ao longo dos documentos da Escola A encontrámos muita informação que nos sugeriu haver um conhecimento geral e uma visível sintonia com os relatórios de Faure (1972) e Delors (1996). Inclusive, este último relatório é citado na própria *missão* da escola. Fazemos, de seguida, uma síntese, já agrupada, do que retivemos da leitura dos documentos analisados: Projeto Educativo e Regulamento Interno. Também analisámos o Código de Conduta dos alunos mas a informação que contém acrescenta pouco a este trabalho em relação ao que já havia sido analisado nos restantes dois.

#### Projeto Educativo

Neste documento, a Escola A diz que é sua missão fornecer “*“dalgum modo a cartografia dum mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele”* (Delors, 1996), desenvolvendo nos jovens a criatividade e habilitando-os com conhecimentos que lhes permitam reconhecer o complexo reordenamento geoestratégico e histórico-cultural, adaptar-se e integrar-se num mundo em mudança”. O documento continua por sugerir que a escola se rege por “uma ética humanista fundada no respeito pela dignidade e inviolabilidade da pessoa consignados pela Declaração Universal dos Direitos do Homem”, promovendo como *competências cívicas* o “patriotismo, civilidade, tolerância, coragem, compromisso, legalidade, transparência, pluralismo e concertação social”. Referindo-se ao *sentido lato da aprendizagem*, o documento volta a citar o relatório Delors (1996) para enunciar os quatro pilares da aprendizagem no século XXI, referindo-os como “indicadores” na perseguição de uma “educação integral do aluno”.

A Escola A propõe-se a promover estas diversas aprendizagens de várias formas, começando pela organização dos conteúdos curriculares. Estes procuram promover “autonomia, reconhecimento externo dos resultados e realização do projeto

peçoal e coletivo” e “atividades de complemento e enriquecimento curricular”, garantindo a “integração dos que apresentam dificuldade” e um “trabalho colaborativo e criterioso dos departamentos”. Estes conteúdos devem ser articulados “pelos professores dos diferentes anos da mesma disciplina”, apresentando “situações de aprendizagem diversas”.

O Projeto Educativo tem um capítulo dedicado ao *Exercício e Construção da Cidadania* e refere que “a escola pode e deve permitir ao aluno um desenvolvimento pessoal e social que se cruza, inevitavelmente, com outros de gerações distintas e diversas concepções culturais, num espaço distinto do familiar nas finalidades e métodos. Esta nova experiência combina com a estruturação valorativa por assimilação crítica conduzida pelos agentes escolares, pelo confronto do aluno consigo próprio e com os seus pares”. Continua dizendo que a “estruturação valorativa gera crises, escolhas difíceis, responsabilidades e tensões para as quais a prescrição uniformizada nem sempre produz o efeito desejado” sendo, por isso, necessário o desenvolvimento de certos “hábitos” como “o respeito pelas normas estipuladas nos diversos documentos escolares; o trabalho em sala de aula; o diálogo com os pares e com os diversos agentes educativos; o cumprimento de rotinas institucionais da escola; a participação nas decisões relativas à comunidade escolar; e a participação nas atividades culturais, desportivas e cívicas.”

### Regulamento Interno

Este documento começa por definir os princípios gerais e específicos que orientam a ação da Escola A, sendo entre eles claros os desafios assumidos de integração e participação de todos, reconhecendo o direito de todo o cidadão às mesmas oportunidades e a relevância dos contributos de todos os agentes escolares e demais instituições da comunidade.

Dentro da apresentação do organograma escolar, interessa-nos especialmente, para este trabalho, a organização dos “serviços técnico-pedagógicos”, que na Escola A se desdobram em quatro: Serviço de Psicologia e Orientação (SPO); Educação Especial (GEE); Apoio ao Aluno (GAA), Disciplina (GD). Para efeitos deste estudo, parecem-nos mais relevante para a *Aprendizagem do Ser* os papéis do SPO e do GAA. O documento sugere várias funções para o SPO definidas sobre três eixos principais: “o

apoio psicopedagógico”, a “orientação escolar e profissional” e o “apoio ao desenvolvimento do sistema de relações da comunidade educativa”. O GAA é apresentado como formado por uma equipa de professores designada pelo Diretor e que tem por missão o “a formação integral dos alunos e o seu bem-estar pessoal e social bem como a prevenção de situações de indisciplina na sala de aula e/ou fora dela”. O GAA é, assim, um “espaço de atendimento aos alunos que necessitam de apoio para resolução de problemas pessoais, ou que foram identificados por professores ou funcionários como tendo indicação para acompanhamento no gabinete”. No mesmo documento, as competências atribuídas aos docentes responsáveis pelo GAA sugerem-nos que este será mais um órgão administrativo e burocrático na resolução de eventuais conflitos e situações da vida escolar que um espaço especialmente focado no acompanhamento dos alunos, nomeadamente na sua *aprendizagem do ser*.

Outro capítulo aborda temas como a convivência, a disciplina e o mérito, e explica que a Escola A tem por objetivos “o cumprimento dos objetivos do projeto educativo, a harmonia das relações interpessoais e a integração social, o pleno desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos alunos, a preservação da segurança destes e dos restantes membros da comunidade educativa e do património do agrupamento, assim como a realização profissional e pessoal dos docentes e não docentes”. Nos alicerces dos direitos e deveres dos alunos, estão os valores nacionais que a escola se propõe transmitir – “desenvolvimento dos princípios do Estado de direito democrático, dos valores nacionais e de uma cultura de cidadania capaz de fomentar os valores da dignidade da pessoa humana, da democracia, do exercício responsável, da liberdade individual e da identidade nacional”.

Finalmente, registámos com interesse que a atribuição de mérito e excelência na escola não se limita apenas a congratular o sucesso académico mas também o comportamento ético dos seus alunos. A Escola A reconhece o mérito e premeia os alunos que “revelem atitudes exemplares de superação das suas dificuldades; alcancem excelentes resultados escolares; produzam trabalhos académicos de excelência ou realizem atividades curriculares ou de complemento curricular de relevância; desenvolvam iniciativas ou ações de reconhecida relevância social”.

## ***Escola B***

A análise dos documentos da Escola B provou que também esta instituição está alinhada com as reflexões de Faure (1972) e Delors (1996). Ao longo da leitura que fizemos, notámos a sua grande preocupação em colocar o aluno no centro da aprendizagem e a consciência da complexidade da educação do Homem como um fenómeno total, colocando especial ênfase no aprofundamento e domínio da razão. Em todos os documentos a Escola B refere-se à sua inspiração cristã, fundamento e motivação de todas as propostas feitas aos alunos.

### Mensagem da Reitora

Começamos a análise de documentos da Escola B com a *Mensagem da Reitora*, exibida no site da escola. Lemos, no começo da sua carta, que “a escola serve para os alunos aprenderem a usar a razão e aprenderem a conhecer tudo o que existe”, procurando “compreender as coisas e a relação entre elas” e “descobrir o sentido que as coisas fazem, e a perceber como podem usá-las para o seu bem e para o bem de todos”.

Para a prossecução desta missão, alerta a reitora para a importância da “companhia que os adultos fazem aos mais novos enquanto estes aprendem” que “deve ser carregada de consistência pessoal, para que possa ser exemplo útil”. Nesse sentido, “os professores têm que ser eles próprios mestres na aprendizagem, pessoas cheias de interesse pelas coisas, pela vida, desejosos de serem plenamente pessoas, de terem vida verdadeira em abundância”.

Confirmando a matriz cristã que sustenta todo o projeto educativo da Escola B, a reitora termina referindo-se à verdadeira motivação que os orienta em cada dia: “esta é a novidade da escola católica: descobrimo-nos incansavelmente desejosos de Bem e de Verdade, de Beleza e de Justiça, e sabemos que Aquele que é a Vida e a Verdade nos liberta e sustenta, apesar das nossas falhas”.

### Proposta Educativa

A proposta educativa da Escola B acompanha os alunos desde os 3 anos e durante todo o seu percurso “até à entrada no mundo universitário ou da formação profissional”. Nela a Escola B assume como missão: “favorecer o desenvolvimento da

razão e da liberdade, de modo a contribuirmos para que cada aluno se torne uma pessoa feliz e completa, capaz de assumir a sua vida de forma responsável e criativa”. Para isso, esta proposta educativa está assente em quatro pilares inseparáveis: *razão, experiência, relação e liberdade*. Lemos no mesmo texto que “a descoberta da razão como instrumento para conhecer a realidade, e perceber-lhe o sentido, apoia-se na tradição cristã” que se traduz num “encontro com a Verdade, a Justiça, a Beleza e o Bem”. Se o “trabalho da razão resulta do encontro entre a pessoa e a realidade”, “ao conjunto desta imersão com o real, seguida de um juízo pessoal sobre o que se encontra, chamamos experiência. E esta experiência é um trabalho fundamentalmente pessoal e extremamente rico”. Quanto à relação, reconhece-se “na família o âmbito primordial da educação” pretendendo criar entre escola e família uma “aliança mútua nesta tarefa” de forma a “acompanhar os alunos de todas as formas ao nosso alcance, manifestando-lhes o amor pelo humano que está na raiz de qualquer vocação educativa”. Finalmente, esta proposta fala em “liberdade pessoal” conquistada através do “uso da razão, da experiência e do exercício da amizade”. A Escola B define liberdade como a “realização da própria vida” e essa capacidade procurarão ajudar a “crescer em cada aluno, segundo o caminho sagrado que a personalidade e as circunstâncias de cada um impliquem”, contrária à “imposição coerciva de um sistema de regras e pretensões de formatação”. Por isso, “as regras disciplinares são mínimas, indispensáveis e claras. O ênfase está na aventura da maturação e do conhecimento. Ao sentir a experiência de pertença a uma realidade maior, cada aluno cresce, também, na consciência que tem de si, das matérias e da vida.”.

### Proposta para os ciclos

Num outro documento que analisámos encontrámos algumas diretrizes do programa educativo para as diferentes etapas escolares. Referindo-se ao 3º ciclo, este documento descreve a sua tarefa como o acompanhamento dos alunos na “descoberta da correspondência entre a multiplicidade dos seus talentos e a diversidade do real”, numa altura em que começam a surgir “novos horizontes de conhecimento das várias matérias”. Nesse sentido, defendem ser essencial a valorização dos melhores alunos, o zelo pela ordem e disciplina em todos os momentos escolares, sendo exigido aos professores pontualidade, apuro e rigor na sala de aula e atitudes em geral, “como forma de exemplo daquilo que se exige aos alunos”.

Na etapa do liceu, o discurso é marcado pela “maturação e consolidação dos conhecimentos adquiridos anteriormente”, em resposta à natural “exigência crítica” dos alunos destas idades. Liberdade e razão continuam a ser conceitos chave enquanto que, nas suas palavras, “o confronto com uma grande riqueza de conteúdos proporciona uma visão mais ampla e consolidada das grandes áreas do conhecimento humano, que permitem a comunicação entre os homens e a participação na cultura”. É fomentado o espírito aberto entre todos os participantes no diálogo escolar e apresentado um currículo “mais vasto do que o comum nesta fase escolar” assente em cinco áreas:

- Português, Matemática e Inglês – “tronco de qualquer ensino pré-universitário de qualidade”;
- Biologia e Física – “a vertente científica, que é fulcral na compreensão do mundo físico e do Homem”;
- História e Filosofia – “a matriz humanista que ordena o pensamento e a cultura”;
- Artes e Educação Física – “matérias das quais não prescindimos, por serem expressão de uma disciplina e de um domínio de si fundamentais no desenvolvimento da pessoa, da sua imaginação e criatividade”;
- Religião – “onde os alunos são desafiados quanto às grandes questões do destino, da vida e da existência, através de uma proposta cristã que se pretende transversal em todas as matérias”.

Últimos comentários relativamente à organização curricular para referir que a aprendizagem do Inglês é intensa, sendo os alunos preparados para realizar o “First Certificate do Cambridge no 8º ano de escolaridade, e o Certificate of Advanced English ou o Proficiency no 11º”. Para completar o currículo linguístico, a Escola B oferece ainda o ensino do Latim e Alemão no 2º e 3º ciclos. Nas ciências, a linha de base é a possibilidade dada aos alunos de “experimentarem o método científico”. “As aulas são dadas em laboratórios, muitas vezes usando visitas de estudo ou observações pessoais em campo”, e as disciplinas de “Geografia, Ciências da Natureza e Físico-Química são dadas respectivamente no 7º, 8º e 9º anos, com uma carga lectiva de uma hora diária”. Uma última palavra é guardada para a aprendizagem da religião. Como referido anteriormente, na Escola B é proposta “a tradição católica como hipótese de sentido do homem e do mundo. Confrontados com esta hipótese, cada um dos alunos é



convocado na sua razão, a compreender quem é e o que o rodeia e a verificar na sua vida o que corresponde às exigências do seu coração”.

### A Cultura da Escola B

Neste texto, a Escola B apresenta a Cultura da Escola B como uma “plataforma que tem como objetivo fomentar nos alunos a curiosidade, o aprofundamento e o rigor no estudo de determinados assuntos, procurando fazer nascer o respeito e a admiração por quem – entre eles, – teve a coragem de se comprometer com o projeto que, sendo de participação livre, causa impacto pela riqueza que traz a todos”. Para isso, são lançados dois desafios aos alunos: o *Concurso Grandes Personalidades* e o *Concurso de Debates*.

No primeiro, destinado aos alunos do 3º ciclo, “os alunos estudam uma personalidade escolhida por si e, depois de várias etapas (entrevistas com os Professores organizadores, apresentação de biografias e de cartazes para exposição), apresentam uma campanha eleitoral, tendo em vista a votação de toda a comunidade escolar na personalidade melhor defendida, seguida de um debate público final, moderado por dois jornalistas”. Este tipo de desafio “possibilita (...) um conhecimento do mundo e da experiência humana, através de homens e mulheres ligados às mais diversas áreas que, pelas suas vidas tenham correspondido às exigências da Verdade, Beleza, Justiça e Liberdade presentes no coração humano”.

No segundo, orientado para a etapa de Liceu, “grupos de três alunos orientados por Professores confrontam, perante toda a comunidade, a posição que lhes competiu defender, sendo avaliados por um júri externo que tem como critérios a lógica da argumentação, a postura e o trabalho de equipa”. Este concurso serve de complemento à formação adquirida nas diversas disciplinas e ajudará os alunos a desenvolver “as suas capacidades de expressão, através do treino para um discurso rigoroso, sofisticado, ponderado e atento, ao mesmo tempo que desenvolvem a capacidade de apresentação e argumentação sustentando validamente uma posição que tomam como sua”.

## **Introdução**

Para realizar as conversas nas duas escolas pedimos, aquando do primeiro contacto, para falar com pessoas que pudessem representar a postura da escola perante este tema. Assim, interessou-nos, desde o início, conversar com os dois diretores para conseguir fazer uma abordagem mais global sobre o entendimento da escola na temática da aprendizagem do ser. Assim aconteceu. Querendo, por outro lado, concretizar melhor as práticas de cada escola, sugerimos conversar com professores que ocupassem lugares estratégicos e pudessem dar voz às formas que cada escola desenvolve para concretizar esta aprendizagem do ser. Assim, na Escola A, conversámos com a Coordenadora do projeto Educativo e com a Coordenadora dos Diretores de Turma do Ensino Secundário (CDT). Na Escola B, realizámos a entrevista com uma professora que teve responsabilidades administrativas, nomeadamente na formação interna de professores.

## **Conhecimento pilar Aprender a ser**

### Aprendizagem ao longo da vida (relatórios Faure e Delors)

Na Escola A, foi o Diretor da escola, que é Presidente de todo o agrupamento de escolas onde esta se insere, que nos deu algumas luzes sobre este conceito. Revelou conhecer muito bem o relatório Delors (1996) e ter algum conhecimento do documento elaborado por Edgar Faure (1972). Adjetivou o relatório Delors (1996) como “estratégico e estruturante” uma vez que “antecipou as necessidades e a resposta que a educação devia dar tendo em conta a nova realidade – um mundo a sofrer alterações profundas em termos de tempo e espaço, a globalização”. Revelou que os quatro pilares que o documento propõe são “extremamente importantes na relação do indivíduo com o mundo” e, apontando para a missão da escola, descrita no Projeto Educativo (documento já analisado) e que cita este relatório, afirmou que este documento que rege a vida diária da escola foi “beber” à reflexão de Delors (1996). Aborda o conceito da aprendizagem ao longo da vida com muita naturalidade e classifica-o como “muito importante neste mundo em constante mudança”. Falou na sua experiência enquanto responsável de um centro de formação de professores onde, já aí, se preocupava por ajudar cada indivíduo a “diagnosticar as próprias necessidades de desenvolvimento e a construir o próprio caminho, o seu processo de formação – num mundo em mudança há

que estar em atualização permanente”. Afirmou, numa frase que atribuiu a Toffler<sup>3</sup>: “Mais do que a consciência de que tenho acesso a tudo, sei que o todo está fora do meu alcance”. Sugere, então, o Diretor da Escola A, que o papel da escola é o de capacitar os seus alunos para que possam “descobrir um projeto para a sua vida integrados num projeto coletivo e serem capazes de o levar a cabo!”.

Na Escola B, foi a Reitora quem fez a primeira conversa connosco, tendo nós aproveitado para registar o conhecimento geral da escola neste tema e como esta se posiciona perante ele. Disse conhecer os relatórios de Faure e Delors de “rápida leitura” e estar “familiarizada” com o conceito de aprendizagem ao longo da vida, justificando-o “com o facto de a razão humana ter sede de compreensão de todos os fenómenos com que contacta e de atuar, por isso, continuamente, em perguntas”. Nesse sentido, explica que “o facto de vivermos numa comunidade global concorre para que seja possível que cada um de nós esteja continuamente a aprender, seguindo o seu próprio trajeto pessoal, e desafiado e sustentado em todos os outros que também estão em aprendizagem”. Relativamente ao papel da escola nesta aprendizagem, diz que esta deve favorecer nos alunos “a força da consciência da sua própria natureza”, dotando-os “de uma inteligência que é feita para compreender tudo, que é tanto mais robusta quanto mais pergunta, e adquire certezas que são etapas de um progressivo processo de compreensão do universo e de si próprio”. Por outro lado, considera importante ajudar os seus alunos “a encarar o erro com um factor de aprendizagem, desenvolvendo uma humildade de fundo a par de uma confiança inabalável na sua dignidade de filho de Deus”.

### Aprender a ser

Relativamente ao entendimento sobre a aprendizagem do ser, o Diretor da Escola A recorre ao título do relatório Delors dizendo que é “descobrir o tesouro que está em cada um, descobrir a dimensão interior e a relação com o outro”. Por isso, defende que este pilar “não se pode separar dos restantes pilares”. Relê a missão da escola, diz não conseguir responder a esta pergunta de melhor forma. A Coordenadora do Projeto Educativo desta escola contou-nos que conhece o relatório Delors e os 4 pilares da aprendizagem ao longo da vida que propõe. Partilhou entender o pilar da aprendizagem do ser pelo “desafio e empenho permanente na evolução como ser

---

<sup>3</sup> Escritor e futurista americano

humano numa dimensão ética; olhar lucidamente para o que se é, o que se quer vir a ser, o modo como se está face aos outros, como 'vivemos uns com os outros'", sendo o papel da escola relevante na "transmissão/reflexão sobre os valores, no projeto educativo que concebe e como o concretiza; no cuidado na transmissão do saber, na postura ética e científica dos professores". Por outro lado, a CDT lembra que "o percurso educativo de cada indivíduo deve incluir, a par do seu desenvolvimento de competências científicas, o desenvolvimento de competências cívicas e o desenvolvimento de espírito crítico em prol do enriquecimento pessoal de cada aluno, enquanto indivíduo e enquanto membro de uma comunidade". Nesse sentido, "a escola promove a aprendizagem através da veiculação dos valores essenciais preconizados pela "Declaração Universal dos Direitos do Homem"; através da aplicação de critérios de equidade nas práticas letivas e extracurriculares; através do rigor e exigência na responsabilização dos alunos pelo cumprimento das suas obrigações numa atitude de respeito pelas normas e pelo outro; da valorização do espírito crítico, como meio de expressão do pensamento (liberto de preconceito); através da promoção de projetos e atividades do foro social (nomeadamente em regime de voluntariado)".

Já a Reitora da Escola B, quando se refere à aprendizagem do ser, fala "numa batalha por recuperar continuamente aquilo que realmente somos", propondo que a escola representa para o aluno "companhia, desafio e testemunho". Entende companhia por "estar atentos aos alunos não só dentro das aulas mas também no recreio, na entrada, no bar... conversar, oferecer critérios, fazer perguntas, manifestar estima e interesse". Quando refere desafio pensa nas conversas partilhadas que procuram "fazer perguntas, pedir razões, apontar caminhos, alternativas; em aula propor linhas de reflexão e investigação para além do óbvio". Quanto ao testemunho, reforça a importância de "oferecer exemplos da nossa experiência, estar com os alunos e estar diante deles sem formalismos, autenticamente". A professora desta escola com quem conversámos disse conhecer o relatório Delors e os pilares da aprendizagem ao longo da vida propostos nele, sendo que confessa conhecer o pilar da aprendizagem do ser "com pouca profundidade". Diz que pensa que este tem que ver "com a tarefa global da escola enquanto lugar do desenvolvimento global de todas as dimensões do ser humano". Quanto ao papel da escola nesta aprendizagem concretiza que esta "é o lugar da aprendizagem formal uma vez que aí se desenvolve a tarefa de ensinar e educar as novas gerações através das disciplinas, enquanto perspectivas sobre a realidade".

Adianta, porém, que sendo que “a escola vive das relações estabelecidas entre docente-aluno-matéria (triangular), é também o lugar da aprendizagem informal porque todas as dimensões do ser humano globalmente considerado são continuamente convocadas”. A professora lembra, ainda, que “a noção de aprender a ser implica a pessoa na sua totalidade” e, por isso, não lhe parece que faça tanto sentido “compartimentar o aprender a ser em competências individualmente consideradas”.

### Ser Homem

Questionámos os Diretores das escolas sobre as características do Homem que procuram estimular nos seus alunos. O Diretor da Escola A, falou, em primeiro lugar, em “dotar os alunos da capacidade de aprender, raciocinar e tornarem-se autónomos”, para depois dar grande ênfase à responsabilidade, como grande virtude, que compromete os alunos com o seu projeto de vida, assim como com o projeto coletivo de que fazem parte. Diz insistir com os seus alunos que têm uma “responsabilidade acrescida enquanto interventores na sociedade” e que há dois ingredientes preponderantes na mudança que cada indivíduo pode fazer no seu mundo: “energia e consciência, coletiva e individual”. Recorrendo a nova metáfora, volta a referir a missão da escola para sugerir que se trata de dar “armas e óculos” aos alunos para “navegar num mundo tão difícil”, numa missão que não se esgota no tempo escolar. Diz sentir-se especialmente orgulhoso com os comentários de visitantes que elogiam o comportamento dos alunos da escola e o facto de, invariavelmente, a avaliação académica externa superar a interna, o que é prova que nesta escola não “se ensina para os exames, isso seria pobre, mas para o desenvolvimento integral”. À pergunta de como se alcança isso, responde que “todos têm um papel” – professores, funcionários, famílias e até ex-alunos – na construção do “clima da escola, um bom ambiente para criar as condições para um crescer juntos”.

Na Escola B, a Reitora explica que postulam uma ideia de Homem “verificada pela tradição cristã, católica, romana”, e explica que na autodescoberta dos alunos enquanto Homens é importante o papel do adulto “que sabe dar e dá testemunho da sua natureza e da compreensão que tem sobre tudo” e oferece “a sua vida como estrada para que os mais novos possam fazer o seu próprio caminho”.

### Ser si próprio

No que se refere à descoberta dos alunos de si próprios, diz-nos o Diretor da Escola A que “é sempre possível individualizar” e que “uma turma como 30 alunos é uma turma com 30 seres humanos”. Diz ser importante nunca esquecer que a escola é “uma casa de pessoas para pessoas” e que, embora “a gramática escolar esteja projetada para um aluno médio na sua organização, compete à escola fazer a destrição e ver em cada aluno uma pessoa diferente”. Assim, “a escola não está a dormir”, tendo de estar preparada para socorrer imediatamente “um aluno que esteja isolado, ou que se revele com poucas forças, ou que apareça marcado com sinais de abuso”. “Pessoas são os alunos e são os professores” conta-nos o Diretor, revelando que gosta de ir tomar o pequeno-almoço com os restantes professores no intervalo comido da manhã para “senti-los, entender o que se passa”. A CDT dá um contributo valioso neste aspeto: “A identidade de cada jovem, enquanto indivíduo, desenvolve-se a par do seu espírito de pertença. A escola contribui para o desenvolvimento pessoal e social de cada indivíduo e, nessa medida, promove a descoberta de si próprio através dos desafios que se vão colocando aos jovens ao longo do seu percurso na escola”.

A Reitora da Escola B revela que o procuram nos seus processos é ir “fazendo perguntas aos alunos que os levem a pensar, confrontando-os com exemplos e descobertas dos Homens que os precederam e que podem iluminar e desafiar a sua consciência”. Não tem dúvidas que se pode e deve individualizar os alunos, afirmando que “o trabalho entre pessoas é sempre pessoal”. Assim, tentam valorizar “as características e dons de cada um, adaptando materiais e instrumentos sempre que isso pareça benéfico”.

### Ser feliz

Quando questionado sobre a possibilidade de aprender a ser feliz, o Diretor da Escola A sorriu ao dizer que “até nos esquecemos que vivemos em sociedade e que o objetivo é sermos felizes, embrenhamo-nos no dia-a-dia e nas burocracias e esquecemos que o objetivo é ser feliz”. Diz que a felicidade tem de ser para todos, lembrando que a igualdade de oportunidades é um princípio que rege esta escola em toda a sua atividade, e deve ser o fim último da nossa vida. Vê e conhece pessoas que “vêm para a escola e não conseguem valorizar a árvore por que passam, o céu azul sobre as suas cabeças” e

tantas coisas que a vida dá, num país tão privilegiado como o nosso. Nesse aspeto consente que a escola também tem um papel a cumprir nesta aprendizagem do ser feliz.

A conversa com a Reitora da Escola B termina ao partilhar connosco que entende a felicidade como uma meta para todos os Homens e define-a como “um dom mas também um juízo que decorre de uma consciência madura e livre ao enfrentar as circunstâncias”. Uma vez mais, a escola oferece o testemunho dos adultos, a quem é pedido que vivam felizes e ajudem os “mais novos a fazerem um juízo justo e livre que fundamente a experiência da alegria verdadeira”.

### **As dimensões da Aprendizagem do ser: entendimento e práticas**

Nas conversas que realizámos questionámos os docentes sobre a percepção que têm sobre cada uma das dimensões e as formas que cada escola desenvolve para estimular a aprendizagem de cada uma.

#### Carisma Natural

Esta dimensão é concebida pela CPE da Escola A como ter a “personalidade estruturada, a relação positiva consigo mesmo”. Revela que na sua escola esta dimensão é desenvolvida pela “clareza nas regras a aplicar, e transparência e imparcialidade na sua aplicabilidade”, pela criação de “espaços para debates de ideias” e, pelos “tempos para atendimento personalizado por parte do SPO (Serviço de Psicologia e Orientação) – psicóloga e diretor de turma”. De forma extracurricular, salienta o papel do Núcleo de Educação para a Saúde, que se preocupa com a saúde física e psicológica dos alunos, e do voluntariado. A CDT disse entender esta dimensão como “a consciência do eu - em termos da sua identidade própria (autoconhecimento), e o sentido de pertença a uma família, grupo sociedade, cultura, crença”, reforçando o trabalho do SPO nesta dimensão. Referiu, no entanto, outros inúmeros projetos extracurriculares “que propiciam o desenvolvimento do eu e o seu autoconhecimento (...): escrita criativa; Olimpíadas; Núcleo Fora d’Aula; Teatro; Exposições de Trabalhos artísticos; Clube de leitores; Organização de projetos de voluntariado; Desporto Escolar”.

Na Escola B a professora define *Carisma natural* como “consciência sobre a natureza humana, das perguntas existenciais e exigências fundamentais de cada

homem” e sugere que “a escola propõe inevitavelmente hipótese de significado para as perguntas constitutivas de cada homem através das relações que se estabelecem entre professores, alunos e matérias”. Reitera que o programa de formação de professores aborda esta temática e que, no geral, as diferentes disciplinas procuram desenvolver esta dimensão.

### Memória

Relativamente à dimensão da *Memória*, na Escola A a CPE fala em “memória colectiva que contribui para a nossa identidade” e “memória do nosso percurso individual nas vivências, experiências e afectos, (...) à forma como se lidou/lida com isso, na medida em que isso se expressa na dimensão do ser”. Acrescenta, ainda, que “ter boas memórias, e mais precisamente, construir boas memórias é importante na forma como se é e como se está face à vida e face aos outros”. Refere que a escola pode desempenhar um papel importante na “transmissão cuidada do saber no que diz respeito ao passado” e nos “valores que a escola chama a si como instituição de vivência colectiva”. Também nesta dimensão, a CPE volta a referir o importante papel do SPO, referindo, ainda assim, que uma psicóloga, que “se excede nas suas competências”, é “insuficiente para as necessidades da escola”. A CDT refere que entende esta dimensão em dois planos – “a memória individual, gradualmente tecida, a partir das experiências/vivências, ao longo do percurso individual e a memória coletiva - herança familiar, cultural e social, que se vai entrelaçando com a memória individual, e contribuindo para a riqueza interior do indivíduo”, e refere que “todas as vivências, emoções, experiências partilhadas em sede de sala de aula ou através de atividades/projetos curriculares, contribuem para o desenvolvimento da memória individual e/ou coletiva dos jovens enquanto indivíduos”.

Na Escola B dizem tratar-se “das experiências que se vão agregando ao património consciente das pessoas” e revelam que “a escola pode favorecer a capacidade de juízo entendida como comparação entre as perguntas existenciais, a realidade e as hipóteses de significado oferecidas, ajudando os alunos a tornarem-se sujeitos livres e criativos, protagonistas da própria vida”. Partilha que procuram cumprir esta tarefa maioritariamente pela aposta na “relação pessoal entre adultos e alunos”.



### Tomada de decisão

A CPE da Escola A define esta dimensão humana como “a reflexão crítica, a capacidade para correr riscos calculados, a coragem para escolher e assumir as consequências disso”. Afirmar que a escola desempenha um papel “significativo” na aprendizagem desta dimensão, disperso no trabalho das diversas disciplinas e atividades, sendo, no entanto, que a sua maior ou menor concretização está intimamente ligada com “o perfil do professor, o tipo de experiências que propicia aos alunos e o modo como ensina”. Para a CDT, “é essencial o desenvolvimento do espírito crítico, mediante uma atitude prévia de reflexão, para a construção de argumentos válidos e organização do pensamento sobre os assuntos com que o indivíduo tem de lidar, encontrando soluções e tomando decisões consistentes, quer no que diz respeito à sua vida pessoal, quer enquanto membro da sociedade”. Adianta, ainda, que se trata de “um forte instrumento de rejeição de preconceitos e de uma capacidade para lidar com situações, mais ou menos adversas ou difíceis, absolutamente essencial para a vida”. Confirma que em todas as disciplinas do currículo se trabalha esta dimensão, “seja através do debate em torno dos conteúdos programáticos, seja na organização e realização de tarefas individuais ou de grupo, complementares em termos da aprendizagem e desenvolvimento de competências científicas, está presente a necessidade de formulação de juízos e a tomada de decisões”.

Na Escola B, a professora entende a dimensão da *Tomada de decisão* como “a capacidade de juízo e a consciência crítica (...) cruciais na medida em que libertam os alunos da escravidão do poder, da moda e da mentalidade dominante”. Defende que “a escola é chamada a dar aos alunos os instrumentos necessários para desenvolver a consciência crítica, contrariando a lógica do relativismo e convocando continuamente os alunos a um protagonismo nas tarefas que lhes cabem e na medida do seu desenvolvimento”. Destaca-se, nesta dimensão, o concurso de debates que a Escola B realiza ao longo do ano letivo, “transversal a várias disciplinas que coloca os alunos perante questões do seu interesse”.

### Criatividade e imaginação

Esta dimensão diz respeito, nas palavras da CPE da Escola A, à “capacidade de reinventarmos o mundo, forjando outras alternativas, e numa abordagem mais

específica e intimista, o modo como nos reinventamos a nós próprios”. Não imputa à escola um grande papel nesta dimensão, lembrando, porém, que existe um currículo oficial de artes e que “algumas estratégias pedagógico-didáticas podem fomentar isso”. A escola tem um núcleo de teatro, de momento com “uma dimensão residual” mas que oferece um espaço concreto aos alunos para cultivarem estas competências. Já a CDT refere que “a imaginação é uma dimensão essencial para o desenvolvimento do indivíduo, uma vez que é o espaço da não-realidade, é o espaço da total liberdade do indivíduo”. Volta a mencionar o currículo das disciplinas como rico em experiências positivas também nesta dimensão, destacando as Línguas, a Educação Visual, a Oficina de Artes, Informática e Desporto, e reforça o papel dos projetos escolares já mencionados anteriormente.

*Criatividade e Imaginação* são, para a professora da Escola B, conceitos que não precisam muita explicação e o papel da escola nesta aprendizagem passa por “fomentar e apontar caminhos concretos”, sendo a sua prática transversal às diferentes disciplinas. Sugere a organização das Academias extracurriculares – conjunto de ocupações, nem sempre da responsabilidade da escola mas em parceria com outras entidades, entre as quais a Música, o Teatro e o Desporto, onde os alunos podem superar os seus limites artísticos – como um momento em que estes domínios do Homem são aprofundados e praticados com especial dedicação.

### Comunicação

Na Escola A a aprendizagem da *Comunicação*, passa, segundo a CPE; por conseguir “produzir um discurso oral ou escrito de forma articulada e eliminar a agressividade pelo domínio da comunicação”, entendendo que “os currículos em geral contribuem para isso”. A CDT entende esta dimensão como a “forma de chegar ao outro, fazendo-se entender, expondo ideias e pensamentos, através de símbolos, atitudes, expressividade gestual e fluência” e reflete a importância da escola ao explicar que “o indivíduo aprende a comunicar em contexto informal, desde criança, mas é na escola que desenvolve gradualmente as suas competências e sobretudo um registo formal de comunicação”.

Na Escola B a *Comunicação* é definida como “a capacidade de ouvir e ser ouvido” e o papel da escola é o de “orientar”, expressão várias vezes repetida sobre o

papel da escola para várias das dimensões. A professora salienta como positivo a forte componente linguística da escola, revelando que não só o ensino do Inglês é feito com grande intensidade como também há a opção de aprender, por exemplo, o Alemão ou o Mandarim, menos frequentes neste níveis de ensino a nível nacional.

### Sentido estético

Relativamente ao *Sentido estético*, a CPE da Escola A entende ser a “capacidade de avaliar e produzir o belo” reforçando que “a dimensão ética é também expressão de sentido estético”. A escola tem um papel muito concreto no ensino das artes mas diz que “o ensino artístico deveria ser mais expressivo, envolvendo mais vertentes”, como é exemplo “a ausência de educação musical”. A escola B tem um pavilhão específico para o ensino das artes onde realizam, com regularidade, exposições dos trabalhos realizados pelos alunos no domínio da pintura e escultura.

A Escola B propõe esta dimensão como o desenvolvimento do “olhar para a beleza” conquistado através de “boas propostas, culturalmente válidas e relevantes”. Orgulha-se de um “currículo de artes de excelência desde o pré-escolar até ao 12º ano” e volta a nomear as Academias como um espaço onde existe um trabalho sério desta dimensão.

### Relação com o meio-ambiente

Para a Escola A, a *Relação com o meio-ambiente* é a “atitude ética para o meio ambiente através da consciência ecológica” e é promovida na escola na “relação pedagógica” com os alunos, através de atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Educação para a Saúde, de forma especial, na caminhada anual realizada nesta escola. A CDT refere ainda várias “palestras e campanhas”.

Na Escola B, referem-se com brevidade à *Relação com o meio-ambiente* definindo-a como o “respeito pela Criação e colaboração responsável” e promovendo uma ideia da escola como “aliada das famílias” nesta rubrica.

### Equilíbrio físico-psicológico

No que se refere ao *Equilíbrio físico-psicológico* dos alunos, é definido pela CPE da Escola A como a “aceitação do seu corpo, uma autoestima equilibrada”. Reforça o papel das disciplinas, como a Filosofia, a ação da psicóloga escolar e a formação pedagógica dos docentes. Para a CDT, “a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento desta dimensão, devendo promover um crescimento saudável”, de acordo com o lema "Mente sã, em corpo sã". Salienta a professora que "existem horas para a prática desportiva - na disciplina de Educação Física - promovendo a escola a diversidade de modalidades desportivas, pese embora a gravíssima quase inexistência de infraestruturas". Por outro lado, diz ainda que “existem horas do currículo de disciplinas como Ciências da Natureza e Biologia, cujos conteúdos versam, também, o conhecimento do corpo e a promoção do valor do equilíbrio físico e psicológico".

No que toca a esta dimensão a Escola B, que define como o “desenvolvimento harmonioso global da pessoa”, repete a recomendação que fez na rubrica anterior sugerindo que a escola deve funcionar como “aliada das famílias”.

### Valores e moral

Finalmente, discutimos com a CPE da Escola A sobre os *Valores e Moral* no desenvolvimento dos alunos e o respetivo papel da escola. Quando aborda esta dimensão fala na “expressão do bem no agir, na relação com os outros” e no “respeito por si e pelos outros” e defende que "a escola deve promover estes valores, na forma como formula e implementa as suas normas, nas relações interpessoais, na relação pedagógica". Mais uma vez, destaca a importância do currículo escolar, nomeadamente a Filosofia e a Educação Moral e Religiosa Católica, para os alunos que a solicitam, e as experiências de voluntariado. Na opinião da CDT, “os valores essenciais do indivíduo constituem-se como a consciência que tem de si - em termos da sua identidade própria e do seu sentido de pertença a um grupo sociedade, cultura, crença”, sendo “isso que contribui para o seu posicionamento no mundo e para o seu esforço de compreensão do outro”. Destaca que “a avaliação das atitudes e valores faz parte da avaliação formal da componente letiva”, “está presente na formação de professores em termos da ética e de metodologias/estratégias/atividades para a promoção dos valores essenciais e da equidade no ensino público”, e que “são vários os momentos de reflexão sobre a

transmissão dos valores essenciais aos alunos, quer em sede de grupo de recrutamento, quer em sede de Conselho Pedagógico”.

Na Escola B, a professora explica-nos que “a moral é a consequência de uma consciência de si e os valores são aquilo que nos chegou, através das gerações, como sendo valioso, como tendo valor para a existência”. Quanto ao papel da escola, salienta que é “o mesmo das outras dimensões uma vez que é um tema que não deve ser encarado por si só mas na globalidade da educação”.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### *H1: SENSIBILIZAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM DO SER*

Ao longo da informação analisada comprovámos que existe um razoável conhecimento da existência do relatório Delors (1996) e do seu conteúdo. Verificámos, como expusemos anteriormente, que os documentos centrais de ambas as escolas estão bastante alinhados com a reflexão de Delors (1996), sobretudo no que esta apresenta como o pilar Aprender a ser. Entendemos que havia no discurso dos entrevistados uma preocupação geral da concepção da educação como um processo global e total utilizando com frequência expressões que também caracterizam o texto de Delors (1996): liberdade, autonomia, espírito crítico, cidadania, entre outros.

No que toca às dimensões que concretizam a aprendizagem do ser, reunimos consenso para quase todas as propostas que fizemos, sendo que a *Relação com o meio-ambiente* foi a que porventura recebeu um menor acolhimento. No entanto, no geral houve dificuldade em separar dimensões que dissessem respeito apenas à aprendizagem do ser, uma vez que todas podem ser encaixadas nos outros pilares expostos em Delors (1996).

Concluimos que existe uma clara sensibilização em ambas as escolas para a realidade da aprendizagem do ser e para a relevância do papel da escola no seu desenvolvimento junto dos alunos que acolhem nas suas instalações.

### *H2: PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM DO PILAR APRENDER A SER*

No instrumento de avaliação que construímos, considerámos as seguintes rúbricas de análise: Horas específicas no curriculum; Horas extracurriculares

específicas; Existência de avaliação formal; Existência de infraestruturas próprias; Formação de professores e staff; Outros projetos e atividades específicos.

No final do estudo, parecem-nos existir 3 eixos fundamentais na organização das propostas para a aprendizagem do ser: a capacidade dos professores de dinamizarem os currículos escolares; os vários projetos escolares, curriculares e extracurriculares; as estruturas de apoio, nomeadamente os serviços de psicologia. Assim, baseámo-nos sobretudo nestes 3 eixos para avaliar a suficiência dos meios empregues em cada escola, e deixámos, em anexo, a avaliação completa através do instrumento criado inicialmente.

### Escola A

Na Escola A, detetámos um grande ênfase na sugestão da capacidade do currículo das disciplinas no estímulo das diferentes dimensões, nomeadamente das humanidades (as professores entrevistadas ensinam Português e Filosofia na Ensino Secundário). No entanto, referiu-se, com bastante frequência, o papel dos professores na utilização dessas propostas curriculares para proporcionar esta aprendizagem real junto dos respetivos alunos (todas as dimensões exceto a Relação com o meio-ambiente). No entanto, não nos parece haver forma suficiente da escola certificar que os professores são capazes de cumprir essa tarefa, sendo que a formação destes não está a seu cargo. Apenas na dimensão dos Valores e moral foi salientada a relevância das reflexões realizadas em comum por professores participantes nas Unidades de Recrutamento ou Conselho Pedagógico.

Também para muitas das dimensões foram referidos os projetos escolares, que na sua maioria tomam lugar em tempo extracurricular. É o caso da *Escrita Criativa*, das *Olimpíadas*, do *Núcleo Fora d'Aula*, do *Núcleo de Teatro*, Diversas exposições de trabalhos, do *Clube de leitores*, do *Voluntariado*, do *Desporto escolar*. Tendo sido partilhado connosco que o Núcleo de Teatro estava presentemente inativo, que as instalações para o desporto são “quase inexistentes”, não encontrámos informação suficientemente clara sobre as restantes atividades, como se desenrolam e que resultados vão obtendo. Isto leva-nos a pensar que, apesar da existe da preocupação de proporcionar aos alunos este tipos de experiências, a capacidade para as colocar em prática as variadas propostas consideradas é fraca.

Finalmente, como terceiro eixo fundamental da intervenção da Escola A, referimo-nos às estruturas de apoio, nomeadamente ao Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) e ao Núcleo de Educação para a Saúde (NES), referidos em algumas das dimensões. Das duas estruturas, apenas registámos informação relevante do SPO, composto por uma psicóloga e pelos vários Diretores de Turma. O trabalho desenvolvido por este serviço foi avaliado muito positivamente pela escola, muito graças aos esforços da psicóloga de se “desdobrar” perante as inúmeras solicitações. Foi-nos dado a entender que, porém, os recursos humanos existentes na escola não conseguem ser resposta para as necessidades dos alunos e da escola, o que nos leva a crer que a sua proximidade com os alunos no geral não chega a criar impacto na aprendizagem do ser.

Assim, é conclusão do nosso estudo que existe na Escola A uma ineficiência de meios para estimular uma aprendizagem total e completa do ser aos seus alunos, apesar da sua sensibilização, conhecimento e domínio da reflexão Delors.

### Escola B

Na Escola B, detetámos uma confiança muito grande, de um modo geral, no próprio currículo das disciplinas que propõe aos alunos. A professora concretizou esta confiança na forma como enalteceu a qualidade do seu currículo de artes, desde as idades mais pequenas ao Ensino Secundário, e a sua forte componente linguística, nos tempos de aprendizagem e na variedade de idiomas que oferece aos seus alunos. No seu método, percebemos ainda que todos os alunos do Ensino Secundário têm um tronco comum de disciplinas mais extenso que o que sucede geralmente no panorama nacional. Talvez ainda mais importante, a Escola B tem um esquema consistente de formação dos seus profissionais onde consegue armá-los das competências que considera valiosas para o seu trabalho, nomeadamente as que dizem respeito à aprendizagem do ser. Comentando a formação da sua escola, a Reitora referiu que o fundamental é ir “conversando, avaliando juntos, refletindo sobre as várias coisas que acontecem dentro e fora da escola”, seguindo a lógica da “companhia, desafio e testemunho” que havia já sugerido na relação com os alunos. Parece-nos ainda que a união em torno ao forte ideal Cristão nesta escola é motivo de força no espírito e na ação coletiva do grupo de professores.

Encontrámos nesta escola um conjunto de atividades e projetos que acontecem tanto em tempo curricular como extracurricular que são deveras interessantes para a aprendizagem do ser. Entre as várias destacamos o Concurso de Debates, que este ano coloca os alunos da escola em debate com alunos de outras escolas; a Feira da Ciência e o *Open Day*, com exposições de trabalhos, peças de teatro e audições musicais; o Concurso de Fotografia Científica; e outras tantas como este ano são exemplo as músicas de Natal no aeroporto de Lisboa por ocasião do Natal; a corrida da escola com prova para os mais pequenos, uma competição sénior e uma caminhada em simultâneo; e a peregrinação a Fátima em BTT (bicicleta), aberta a toda a comunidade escolar. Ainda no âmbito dos projetos e atividades, temos de realçar o papel das Academias, que enriquecem com as parcerias conseguidas com diferentes instituições.

Finalmente, relativamente às estruturas de apoio, existem apenas profissionais destacados para acompanhar alunos com deficiência, sendo tudo o resto é realizado por professores, por decisão da Direção. Diz a Reitora que insistem que “tudo seja feito pelos professores para garantir unidade de proposta”, quer para os alunos, quer para os próprios adultos, concluindo que: “educar é tudo numa escola...”.

No geral, pareceu-nos que a Escola B desenvolve na sua proposta pedagógica vários mecanismos extremamente úteis para a aprendizagem do ser, nomeadamente para as dimensões da *Memória*, da *Tomada de decisão*, da *Criatividade e imaginação*, da *Comunicação*, do *Sentido Estético*, da *Relação com o meio-ambiente* e dos *Valores e moral*.

### *H3: ESCOLA A VS ESCOLA B*

Ao longo do estudo apercebemo-nos da dificuldade que iríamos encontrar para responder com rigor a esta questão. No entanto, na comparação entre as Escolas A e B, sendo a primeira uma escola pública e a segunda uma escola privada, encontrámos, como acima mostrámos, alguns indicadores que nos sugeriram que algumas das dimensões que considerámos para a aprendizagem do ser seriam mais estimuladas na Escola B. O motivo desta afirmação prende-se diretamente com os eixos que propusemos como fundamentais para o estímulo destas dimensões: formação de professores, projetos e atividades, e as estruturas de apoio. No que podemos comparar



as escolas nestas três perspetivas, faz-nos pensar que existe, de facto, uma diferença entre as aprendizagens do ser por parte dos alunos nas duas escolas.

Vejamos. Na Escola B assistimos a uma organização interna da formação de professores, preocupada nos assuntos que interessam à escola, nomeadamente aos que aqui nos dedicamos. Sendo a intervenção dos professores tão preponderante nesta aprendizagem, a possibilidade de discutir com estes não apenas os conteúdos mas também as formas e métodos das aprendizagens que promovem será uma vantagem enorme para o sucesso da aprendizagem do ser. Noutro eixo, as atividades que encontrámos na Escola B são, sem qualquer dúvida, muito inovadoras e completas no tipo de competências que estimulam nos alunos. Em termos de qualidade e quantidade, ficámos muito surpreendidos com as propostas da Escola B. Por fim, entendemos que havia na Escola B maior capacidade de resposta no que respeita ao acompanhamento individual dos alunos, num esforço coletivo, concebido pedagogicamente, do grupo de professores. Esse esforço exige, necessariamente, uma compreensão e alinhamento dos professores nas diversas propostas, assim como a sua diversidade, e a capacidade financeira da escola (neste estudo não abordada) para conseguir garantir essa diversidade, complementaridade e disponibilidade temporária para estar com os alunos.

#### *GENERALIZAÇÃO DOS RESULTADOS – POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES*

O estudo que aqui expusemos é meramente prospetivo na medida em que pretendemos, com a análise das duas escolas, somente apontar um sentido para o desenvolvimento das hipóteses colocadas. Seria necessária a utilização de uma amostra maior e mais dispersa no território para poder discuti-las com maior rigor e detalhe. No entanto, no final desta investigação consideramos ter fundamento para pensar que existe a nível nacional um conhecimento geral sobre as reflexões de Faure (1972) e Delors (1996) sobre a aprendizagem do ser, pelo que lemos na LBSE e entendemos da análise dos dois casos de estudo.

Relativamente à comparação entre os estabelecimentos públicos e privados, os resultados obtidos apontam para uma diferença na eficiência com que ambos promovem a aprendizagem do ser junto dos seus alunos. Os eixos de intervenção que entendemos como fundamentais sugerem que pode haver uma clara vantagem do ensino privado, fortalecidos com uma formação interna de professores e funcionários consistente,

projetos escolares dinâmicos e uma rede humana de suporte ao aluno sólida e diversificada.

Estudos futuros podem procurar fazer uma investigação mais abrangente nas escolas portuguesas para debater as hipóteses que colocámos com mais dados. Por outro lado, interessante seria, também, fazer um trabalho de análise das dimensões que a escola deve estimular nos seus alunos para cumprir as 4 aprendizagens preconizadas nos pilares da educação para o século XXI. Estamos de acordo com os professores que advertiram para a necessidade de associação dos pilares e, nesse sentido, talvez fosse possível propor um conjunto de dimensões que refletisse suficientemente a aprendizagem dos 4 pilares de Delors (1996) para a educação ao longo da vida. Finalmente, parece-nos, ainda, relevante a análise da aprendizagem do ser junto dos alunos das diferentes escolas, elevando esta questão a um novo patamar – até que ponto os meios que as escolas portuguesas desenvolvem promovem uma verdadeira aprendizagem do ser junto dos seus alunos?

## BIBLIOGRAFIA

Biesta, G. (2010). *Good Education in an Age of Measurement: Ethics, Politics, Democracy* Boulder, CO. Paradigm Publishers

Bowles, S., Gintis, H., Groves, M. (2005), *Unequal Chances. Family Background and Economic Success*. Princeton. Princeton University Press.

Carneiro, R. (2006). *Cinco controversias y un reto*. Cuadernos de Pedagogia. 362 (pp. 19 a 23).

Carneiro, R. (2006). *La búsqueda de sentido*. Revista Prelac. 2 (pp. 6 a 11).

Carneiro, R. (2001). *Fundamentos da educação e da aprendizagem: 21 ensaios para o século 21*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Delors, J. et al. (1996). *Educação: um tesouro por descobrir*. Paris: UNESCO.

Direção Geral da Educação (2012). *Educação para a Cidadania - Linhas Orientadoras*. [ONLINE] Disponível em: <http://www.dgidec.min-edu.pt/educacaocidadania/index.php?s=directorioepid=71>.

Faure, E. (1972). *Learning to be*. Paris: UNESCO.

Fullat, O. (2008). *Filosofia de la educacion*. 1ª ed. Madrid: Editorial Síntesis, S. A..

Lei nº 46/86 de 14 de Outubro. *Diário da República nº 237/86 – I Série*. Assembleia da República. Lisboa

Reboul, O. (2000). *A Filosofia da Educação*. Lisboa, Edições 70

Savater, F. (1999), *Las preguntas de la vida*. 3ª ed. Barcelona: Ariel.

Savater, F. (2006), *O valor de educar*. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote.

Savater, F. (2013), *Ética para um jovem*. 21ª ed. Alfragide: Dom Quixote.

Tuckman, B. (2012). *Manual de investigação em educação: Metodologia para conceber e realizar o processo de investigação científica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

## ANEXOS

### Anexo 1 – Guião de entrevista 1ª fase com Diretores

1. **Apresentação pessoal** (Sexo, idade, tempo de trabalho em educação, tempo de trabalho no cargo, origem, percurso)
2. **Relatório da Unesco *Educação: um tesouro por descobrir* da Comissão Delors (1996)**
  - a. Conhece este relatório?
  - b. Está familiarizado(a) com o conceito de aprendizagem ao longo da vida?
  - c. Conhece os 4 pilares da aprendizagem que a Comissão propõe?
3. **Aprendizagem ao longo da vida**
  - a. O que entende por este conceito?
  - b. Como pode a escola despertar os jovens para este conceito?
4. ***Aprendizagem do Ser***
  - a. Conhece o relatório de Edgar Faure para a Unesco em 1971 com este título?
  - b. Conhece a reflexão da Comissão Delors sobre este pilar da aprendizagem?
  - c. O que entende pelo pilar *Aprender a Ser*?
  - d. Qual pensa ser o papel da escola nesta aprendizagem?
5. ***Aprender a ser Homem***
  - a. O que pode o Homem educar no Homem?
  - b. Qual a ideia de Homem que orienta a sua escola?
  - c. Como promovem essa ideia de Homem nos alunos?
6. ***Aprender a ser si próprio***
  - a. Como promove a escola o autoconhecimento?
  - b. É possível individualizar o trabalho com os alunos? Como?

**7. *Aprender a ser feliz***

- a. A meta da felicidade é real para todas as crianças e jovens portugueses?
- b. Como tenta a sua escola apoiar os seus alunos nesse sentido?

## Anexo 2 – Guião entrevista 2ª fase com professores

- Conhece a reflexão da Unesco sobre a Educação para o século XXI?
- O que entende sobre a aprendizagem do ser?
- As dimensões da aprendizagem do ser. Para cada uma delas:

Conceito	Horas Específicas Curriculum	Horas Específicas Extra-curriculum	Avaliação formal	Infraestruturas próprias	Formação professores e staff	Outros específicos
O que entendem?	Sim, não. Quantificação.	Sim, não. Quantificação.	Sim, não. Quantificação.	Sim, não. Quantificação.	Sim, não. Quantificação.	
Qual o papel da escola?	Caracterização.	Caracterização.	Caracterização.	Caracterização.	Caracterização.	

As respostas foram recolhidas online, através do seguinte link: <http://goo.gl/forms/IGXdLrv15e>.